



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Peterson Ramos Bernardo

**AS TENSAS TRAJETÓRIAS DO RAP: DOS DESABAFOS DOS GUETOS AOS
BEATS DE RESISTÊNCIA À VIOLÊNCIA E AO RACISMO**

Florianópolis
2024

Peterson Ramos Bernardo

**AS TENSAS TRAJETÓRIAS DO RAP: DOS DESABAFOS DOS GUETOS AOS
BEATS DE RESISTÊNCIA À VIOLÊNCIA E AO RACISMO**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Lenzi.

Florianópolis
2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Bernardo, Peterson Ramos
AS TENSAS TRAJETÓRIAS DO RAP: DOS DESABAFOS DOS GUETOS
AOS BEATS DE RESISTÊNCIA À VIOLÊNCIA E AO RACISMO /
Peterson Ramos Bernardo ; orientadora, Maria Helena Lenzi,
2024.
68 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Geografia,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Hip Hop e racismo. I. Lenzi, Maria
Helena. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Geografia. III. Título.

Peterson Ramos Bernardo

**AS TENSAS TRAJETÓRIAS DO RAP: DOS DESABAFOS DOS GUETOS AOS
BEATS DE RESISTÊNCIA À VIOLÊNCIA E AO RACISMO**

Florianópolis, Junho de 2024

Prof. Dr. Lindberg Nascimento Júnior
Coordenador do curso

Banca examinadora:

Prof. Dr. Maria Helena Lenzi (orientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Lindberg Nascimento Júnior
Universidade Federal de Santa Catarina

Azânia Mahin Romão Nogueira
Universidade Federal da Bahia

Dedico essa pesquisa à cultura do rap/hip hop. A cultura vive, a arte vive, as pessoas pretas vivem.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a todos que puderam me ajudar de alguma forma para minha pesquisa e formação. Inicialmente, nunca me imaginei em uma universidade, era algo distante da minha realidade, e desde que entrei na UFSC minha vida mudou completamente. Aos 18 anos ingressei numa das melhores fases da minha vida (que continua até hoje). Sou completamente grato pela oportunidade de estudar geografia, por diversas razões, seja por viagens, amigos e professores que me inspiram. Vejo que como estudante preto, tenho a chance de mostrar realidades em que vivi e que vejo acontecendo no dia a dia, como o racismo, segregação e a exclusão da cultura do rap.

Agradeço os ensinamentos que pude adquirir com a professora Maria Helena Lenzi, tanto nas aulas quanto na orientação do projeto, obrigado por isso.

Consequentemente, não sei como retribuir o apoio da minha mãe Fernanda, que sempre acreditou em mim e sempre se dispôs a me ajudar na graduação, sem sua ajuda mãe, eu não estaria aqui, obrigado por tudo. Também grato por minhas irmãs que sempre me apoiaram, elas são Evelyn, Emelly e Sthefany.

A todos os participantes desse projeto, que na maioria são meus amigos, sem suas entrevistas presentes não seria a mesma pesquisa, me inspiro em vocês e valeu pela confiança.

E obviamente, os meus mais sinceros obrigado a universidade federal de santa catarina, por ter me acolhido durante esses anos, tanto com experiências e vivências no processo de formação.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é um misto de trabalho acadêmico e expressão artística, por meio do rap. A linguagem formal e acadêmica é atravessada por músicas de minha autoria e de outros artistas, procurando construir um diálogo entre acadêmicos e rappers. Também mostro notícias de jornais para explicitar como o racismo e a violência estão estampados num grande número de noticiários visibilizando a violência, a desigualdade e a exclusão da população preta no Brasil. Além disso, não poderia deixar de trazer minhas percepções pessoais e relatos do racismo visto e sofrido no cotidiano. Entendo que minha posição, como jovem preto, faz diferença na minha visão de mundo e de Geografia, algo, inclusive, que me fez querer debater este tema no TCC. Já de antemão, explicito que essa minha posição talvez seja o que mais pesa neste texto, dessa forma, em vários momentos da escrita, escolhi o tom de desabafo e denúncia e não de análise. O objetivo geral deste trabalho é discutir o racismo e a resistência da população preta por meio do rap, visibilizando a relação entre racismo e violência policial no Brasil; buscando compreender as heranças históricas e as formas contemporâneas de expressão do racismo; apresentando o rap como manifestação de desabafo e resistência ao racismo. Os procedimentos metodológicos foram: leitura de referencial teórico sobre racismo no Brasil; análise de matérias de jornais com foco na visibilidade da violência contra a população preta; revisão de composições e da história do rap; reflexões sobre o racismo experienciado no cotidiano; e entrevista com um rapper.

Palavras-chave: Cultura preta; Rap; Racismo; Hip-Hop; Conscientização.

ABSTRACT

This course completion work is a mixture of academic work and artistic expression, through rap. The formal and academic language is crossed by songs of my own and other artists, seeking to build a dialogue between academics and rappers. I also show news from newspapers to explain how racism and violence are stamped in a large number of newscasts making visible the violence, inequality and exclusion of the black population in Brazil. In addition, I could not fail to bring my personal perceptions and reports of the racism seen and suffered in everyday life. I understand that my position, as a young black man, makes a difference in my worldview and Geography, something that even made me want to discuss this topic at the TCC. Already in advance, I make it explicit that this position of mine is perhaps the one that weighs the most in this text, in this way, at various moments of the writing, I chose the tone of outburst and denunciation and not of analysis of the situation. The general objective of this work is to discuss racism and the resistance of the black population through rap, making visible the relationship between racism and police violence in Brazil; seeking to understand the historical legacies and contemporary forms of expression of racism; presenting rap as a manifestation of outburst and resistance to racism. The methodological procedures were: reading a theoretical framework on racism in Brazil; analysis of newspaper articles focusing on the visibility of violence against the black population; review of compositions and the history of rap; reflections on the racism experienced in everyday life; and interview with a rapper.

Keywords: Black culture; Rap; Racism; Hip-Hop; Awareness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Violência policial no Brasil: uma pessoa negra é morta a cada quatro horas.....	16
Figura 2: PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas.....	23
Figura 3: Guarda-chuva que Rodrigo segurava nas mãos teria sido confundido com um fuzil.....	24
Figura 4: Comunidade do Chapéu da Mangueira; Rio de Janeiro.....	24
Figura 05: Policial que confundiu furadeira e matou morador responderá pelo crime em liberdade.....	25
Figura 06: Culpados pela morte de Genivaldo Santos.....	28
Figura 7: Estudo revela que pessoas negras são principal alvo da polícia.....	29
Figura 8, “ Homem preso em MG com 10g de maconha.”é mais um exemplo de como a população preta é visibilizada nos noticiários nacionais.....	32
Figura 9: STF parou julgamento a um voto de descriminalizar porte de maconha, mas já tem maioria para.....	35
Figura 10: Arte de Jean Baptiste Debret.....	40
Figura 11: Vereador Eder Borges (PP) de Curitiba vincula hip-hop à criminalidade.....	45
Figura 12: A importância da batalha de rima no cenário brasileiro.....	50
Figura 13: Batalha da alfândega.....	52
Figura 14: Arte localizada na rua Anita Garibaldi, 136. Centro - Florianópolis/ SC.....	55
Figura 15: Figura 22: Arte localizada na rua José Jaques, 163. Centro - Florianópolis/ SC..	55
Figura 16: Localizada no campus da UFSC. Trindade - Florianópolis/ SC.....	56

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. A violência contra pretos no Brasil.....	16
2.1 Onde já se viu, PM confundir guarda-chuva com fuzil?.....	23
2.2 A polícia mata mais um preto, algemado, desarmado numa câmara de gás, e ainda tem coragem de dizer que somos todos iguais?.....	26
2.3 Que país é esse onde um preto para na cadeia por 10g de baseado?.....	32
3. O Estado de calamidade não é de hoje.....	36
4. A arte (música) como um desabafo de fatos ocorridos.....	44
4.1 O RAP na Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, como resistência da população preta.....	47
5. Considerações finais: A cultura vive, a arte vive, as pessoas pretas vivem.....	57
Referências.....	59

1 INTRODUÇÃO

Desde pequeno, ouço rap e sou grato por compreender as mensagens das letras. Isso me fez ficar fascinado. Por esse motivo, desde que entrei na UFSC, já sabia o que queria para o TCC. Sempre ouvi coisas boas e ruins sobre o rap, sendo que a maioria diz que “apenas se critica e nada se faz” ou “que seria música de marginais”. Avaliações estas que são um total desrespeito com a vivência e a vida das pessoas que fazem rap e também sobre as quais as músicas falam. Mas antes de abordar o rap, é importante entender os motivos pelos quais esse gênero musical existe.

Rap significa “*rhythm and poetry*” (ritmo e poesia) surgiu nos anos 1960 na Jamaica, sendo levado por jamaicanos aos Estados Unidos em 1970, para os bairros pobres e periféricos de Nova York. Trazendo uma nova esperança para a população preta, o ritmo musical alcançou lugares extremos aos bairros, levando arte, danças e autoestima para essas pessoas, o que ocorre até hoje.

A forma de se expressar através dessa cultura, é baseada no ritmo, das batidas e nas letras:

O rap tem uma batida rápida e acelerada e a letra vem em forma de discurso, muita informação e pouca melodia. Geralmente as letras falam das dificuldades da vida dos habitantes de bairros pobres das grandes cidades. As gírias das gangues destes bairros são muito comuns nas letras de música rap. O cenário rap é acrescido de danças com movimentos rápidos e malabarismos corporais. O break, por exemplo, é um tipo de dança relacionada ao rap. O cenário urbano do rap é formado ainda por um visual repleto de grafites nas paredes das grandes cidades. (Andrade, 1999, p. 65).

De acordo com Fernandes,

Originalmente formado na periferia de grandes cidades, o hip hop é um movimento cultural que tem na sua gênese a reivindicação da população negra por direitos sociais, sendo composto por quatro elementos centrais – DJ, MC, Danças Urbanas e Grafite. O rap, por sua vez, é o estilo musical da cultura hip hop. Essas manifestações apropriam-se dos espaços públicos, como praças, vias e viadutos, os quais transformam em território na maneira de fazer arte e política de forma inseparável. (2019, p. 09).

Já “a denominação ‘hip hop’ é da autoria de Afrika Bambaataa, nome artístico de Kevin Donovan, um DJ norte-americano. Contudo, o fundador da cultura ‘hip hop’ é o DJ Kool Herc ou Clive Campbell e sua irmã Cindy Campbell que é considerada a primeira-dama desse gênero musical.” (REDAÇÃO, 2016, p. 01). Há várias vertentes de rap existentes, mais ou menos agressivas, mas sempre passando a mensagem de conscientização.

O rap, como uma das manifestações do hip hop, portanto, é uma expressão artística de denúncia, própria de centros urbanos que escancaram a situação de desigualdade socioespacial e racial.

A situação do racismo estrutural é crítica no Brasil, onde a maioria das mortes por ações policiais é de pretos e pardos. Mas isso não é recente, pois desde a escravidão, o povo negro é perseguido por conta da melanina. É necessário compreender a vida e a cultura dessas pessoas, não somente pelo rap, mas como um todo: a liberdade de expressão é essencial (até onde não machuque ou tenha alguém prejudicado) e os números não mentem, todos os dias há relatos de perseguições, mortes, abusos, humilhação e, infelizmente, essa realidade ainda está longe de mudar.

A mestre em Economia Política pela PUC-SP e técnica da subseção do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) na Contraf-CUT, Viviam Machado, apresentou dados que confirmam o racismo no mercado de trabalho brasileiro e a desigualdade de cor e raça, que teve por mais de 300 anos o trabalho escravo como um dos pilares do desenvolvimento econômico do país. Estudo sobre esse preconceito enraizado na sociedade brasileira foi mostrado no painel sobre “A participação dos negros e negras no mercado de trabalho e na sociedade e a violência racial no Brasil” [...]. A grande maioria das mortes violentas no país, em 2021, vitimaram a população negra: 72% destes homicídios (408.605 assassinatos). Outro dado estarrecedor apresentado pela palestrante é que 84,1% dos homicídios causados por operações policiais foram de negros, muitas crianças.¹

Na geografia brasileira, o debate do racismo em espaços urbanos vem ganhando importância, pois “as relações raciais grafam o espaço”, como explica Renato Emerson (2022, p. 11). O espaço geográfico não é neutro, mas produto e produtor de uma história, de relações

¹ Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/economia/economista-apresenta-numeros-que-confirmam-o-racismo-estrutural-no-brasil/#:~:text=Publicado%2011%2F11%2F2023%20%2D%2012h35&text=%E2%80%9CA%20maioria%20do%20pa%C3%ADs%20%C3%A9,1%25%20de%20negros%20e%20negras.> Acesso em: 7 Jun 2023.

sociais e de trajetórias, ou seja, de processos humanos. Segundo o geógrafo, a complexidade entre questões espaciais, temporais e sociais pode ser compreendida ao olharmos para as regras existentes no padrão brasileiro, visto que há lugares em que negros são aceitos e há lugares brancos:

[...] há espaços, lugares, momentos, contextos de interação nos quais, através de comportamentos (que são fruto de comandos e aprendizados) subjetivos (às vezes, bastante objetivos!) A presença negra pode ser aceita, blindada e até valorizada, ou, por outro lado, tolerada, não aceita, reprimida ou repelida. Lugares onde a presença de um negro, ou de um grupo de negros, pode passar despercebido em seu pertencimento racial, ou, pode causar espanto ou surpresa (“Quem é aquele? Como ele chegou até aqui?”), repressão ou repulsa (por exemplo, atendimentos em estabelecimentos comerciais e de serviços, como restaurantes, lojas de produtos mais caros, shoppings etc., mas também empregos, posições de prestígio, entre outros). Todos estes últimos comportamentos apontados indicam se tratar de espaços — lugares, momentos, contextos de interação — brancos, espaços que não são construídos ou facultados para os negros em uma sociedade marcada pelo racismo enquanto mecanismo organizador de relações (Santos, 2022, p. 17).

Desse modo, este trabalho se inicia e também se estrutura com essas reflexões: de um lado, a situação de racismo e violência contra o povo negro, de outro, a existência do rap como uma expressão artística e cultural de denúncia e resistência. Por conta disso, em todos os capítulos deste TCC serão apresentados trechos de rap como parte das referências de cada tema debatido. Para algumas situações de racismo vividas pelas pessoas pretas, não há mais como recorrer a debates teóricos, por esse motivo o rap traz a base de um diálogo entre os acontecimentos do dia a dia da população afetada e a busca por explicações com base em argumentos teóricos. Nesses casos, recorro ao rap, como será visto ao longo do texto. Entendo e defendo que a realidade e a arte se encontram trazendo uma mensagem de paz.

Este tcc é um misto de trabalho acadêmico e expressão artística, por meio do rap. Ao longo do texto, usarei não só da linguagem formal e acadêmica, com citações e referências a autores do meio, como Silvio Almeida e Kabengele Munanga, entre outros, mas também citarei músicas de minha autoria e de outros artistas, com MC Kyan, Borges, Aka Rasta e outros, procurando construir um diálogo entre eles. Também utilizo muitas notícias de jornais para demonstrar como o racismo e a violência estão estampados num grande número de noticiários, expondo e visibilizando a violência, a desigualdade e a exclusão da população

preta no Brasil. Além disso, não poderia deixar de trazer minhas percepções pessoais e relatos do racismo visto e sofrido no cotidiano. Entendo que minha posição, como jovem preto, faz diferença na minha visão de mundo e de Geografia, algo, inclusive, que me fez querer debater este tema no TCC. Já de antemão, explico que essa minha posição talvez seja o que mais pesa neste texto, dessa forma, em vários momentos da escrita, escolhi o tom de desabafo e denúncia e não de análise da situação.

Além disso, esse texto, tal como um rap, é uma expressão de desabafo e uma tentativa de construir mais um instrumento de resistência e de luta contra o racismo, que também existe no ambiente acadêmico. A linguagem acadêmica restringe, quando não expulsa, muitas pessoas das universidades, pelo fato de não se sentirem parte dessa construção ou desse ambiente. Portanto, embora este tcc possa parecer ousado na sua forma e linguagem, é parte de uma busca em ampliar as formas de expressão, de inclusão e de divulgação do conhecimento produzido na universidade, bem como, de trazer o rap para o ambiente acadêmico.

Nesse sentido, o objetivo geral deste tcc é discutir o racismo e a resistência da população preta por meio do rap.

Os objetivos específicos são: visibilizar a relação entre o racismo e a violência policial no Brasil; compreender as heranças históricas e as formas contemporâneas de expressão do racismo; apresentar o rap como manifestação de desabafo e resistência ao racismo.

Os procedimentos metodológicos foram: leitura de referencial teórico sobre racismo no Brasil e questões raciais na geografia brasileira; análise de matérias de jornais com foco na visibilidade da violência contra a população preta; revisão de composições de rap; reflexões sobre o racismo experienciado no cotidiano; e entrevista com um rapper.

No que diz respeito à escolha temática, esta pesquisa tem uma justificativa que é tanto social quanto acadêmica. Considerando a história e as evidências do racismo no Brasil, é importante ampliar o número de pesquisas que abordam esse tema por diferentes vieses. No que diz respeito à linguagem e à estética, este texto se justifica como uma posição política, que tem por intuito a ampliação da linguagem e das formas de expressão no ambiente universitário.

Além desta introdução e das considerações finais, o TCC tem quatro seções, que procuram dar conta dos objetivos geral e específicos:

A **seção 2**, “A violência contra pretos no Brasil”, servirá de base para compreender a temática e principalmente o que ocorre nas cidades brasileiras. Miséria, mortes, fome, moradias impróprias e criminalidade, viver nesses ambientes é como viver em uma zona de guerra, onde nem mesmo o Estado ajuda os cidadãos. Nesse capítulo, discorro sobre o preconceito presente, mesmo após a abolição da escravidão, com as pessoas pretas sujeitas à repressão e à exclusão, sobretudo, com a repressão policial constante. Na seção 2.1 “Onde já se viu, PM confundir guarda-chuva com fuzil?”, mostro situações em que as pessoas perderam a vida por questão de ódio e preconceito, onde um guarda - chuvas, na visão das autoridades, virou um fuzil ou uma furadeira que virou pistola. Na seção 2.2 “A polícia mata mais um preto, algemado, desarmado numa câmara de gás, e ainda tem coragem de dizer que somos todos iguais?”, mostro o envolvimento das autoridades sobre Genivaldo dos Santos, morto por asfixia no próprio carro da polícia e sobre os estudos e combate ao racismo. Na seção 2.3, “Que país é esse onde um preto para na cadeia por 10g de baseado?”, abordo a prisão de um rapaz preto que estava com 10g de maconha e que acabou morrendo na cadeia.

Na **seção 3**, “O Estado de calamidade não é de hoje”, discorro sobre como somos vistos aos olhos da sociedade, a exemplo de como se comportar, de como agir em lugares supostamente brancos, e como, desde pequeno, somos ensinados a como agir na presença da polícia. Para exemplificar, trago alguns relatos anônimos colhidos nas redes sociais.

Seguindo essa lógica, a **seção 4** “A arte (música) como um desabafo de fatos ocorridos” busca analisar o sentido do rap/hip-hop e a importância da cultura do rap nos espaços urbanos e na cidade de Florianópolis. Trago citações de uma entrevista que realizei com um rapper da cidade. Na seção 4.1 “A trajetória do rap: da Jamaica aos Estados Unidos e ao Brasil”, discorro sobre toda a trajetória do rap desde a sua criação, e também sobre a moda que a cultura herdou, tanto no Brasil quanto em outros países. Na seção 4.2, “O rap na Ilha de Santa Catarina, Florianópolis” corresponde ao desenvolvimento do rap/hip hop na capital de Santa Catarina, visando os pilares do hip hop e a estética da cultura, tanto em vestimentas, danças, grafite e as batalhas de rima. Apresento a batalha da alfândega, que há anos está lutando pelo direito de um espaço fixo no centro, e que está ocorrendo na alfândega, de forma legalizada e com alvará.

E por último, “**Considerações finais**: a cultura vive, a arte vive, pessoas pretas vivem”, busco explicar como a visibilidade da cultura na vida das pessoas pode salvar vidas.

2 A VIOLÊNCIA CONTRA NEGROS NO BRASIL

Entendemos que a violência policial contra pretos e pardos é persistente, ainda mais quando a sociedade enxerga e julga a pessoa pelo estereótipo. A mentalidade acerca de certos assuntos, como o racismo, é restrita em vários ambientes. É primordial entender o contexto dos motivos pelos quais somos “caçados” pela sociedade como um todo, mas principalmente pelas autoridades e pela justiça. De acordo com Souza:

A questão racial não podia mais ser descartada das análises sobre o Brasil e a população negra e mestiça aparece como problema a ser encarado. Algumas teorias raciais da Europa foram importadas pela elite intelectual nacional para pensar a questão no Brasil. Porém, chegaram com prazo de validade vencido, além de virem de realidades bastantes diferentes das encontradas em terras brasileiras. (Sousa, 2000, p. 51-52).

É nítida a percepção a partir da qual nos enxergam, sendo a mais comum: “é pobre, da favela, é ladrão...”. Percepções estas que se baseiam em nenhum fundamento e conhecimento. A figura 1 retrata um dos exemplos do que ocorre no Brasil em relação às mortes por violência policial:

Figura 1: Violência policial no Brasil: uma pessoa negra é morta a cada quatro horas.

Violência policial no Brasil: uma pessoa negra é morta a cada quatro horas

Pretos e pardos têm 2,6 vezes mais chances de ser assassinados, representam 2/3 de todos os encarcerados e apresentam expectativa de vida três anos menor do que brancos

Fonte: CNN Brasil².

Nessa mesma matéria da CNN, explicita-se que “um levantamento feito pela Rede de Observatórios da Segurança (ROS) revelou que a polícia mata uma pessoa negra a cada quatro horas em ao menos 6 estados brasileiros: Bahia, Ceará, Piauí, Pernambuco, Rio de

² Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/violencia-policial-no-brasil-uma-pessoa-negra-e-morta-a-cada-quatro-horas/> Acesso em: 7 Jun 2023.

Janeiro e São Paulo. Foram 2.653 mortes com registro racial ocorridas em 2020, das quais 82,7% tiveram como vítima pretos ou pardos.”³

Não é de hoje que ouvimos e vimos casos de violência que ocorrem contra pessoas pretas, nos mais variados ambientes. Isso ocorre por fatores históricos que, conseqüentemente, vem embasando uma mentalidade de superioridade das pessoas brancas sobre as pretas. Nesse mesmo sentido, muitas pessoas pretas se veem forçadas a sair de suas casas e se mudar para outros bairros, devido ao medo do que pode ocorrer com seus filhos quando não estão presentes e quando alguma operação policial ocorrer nas favelas, vielas e bairros pobres. Sabemos que as autoridades que deveriam servir e proteger a população fazem o contrário, pois enxergam os moradores desses ambientes como criminosos ou perigosos.

E aí me pergunto: quantas operações são feitas nesses ambientes com segurança? Quantas vezes algum morador foi confundido com criminoso e morreu inocentemente? Perguntas que talvez sejam difíceis de se responder, já que quem não tem voz, não é ouvido.

Outras questões surgem: Por que a taxa de homicídios e assassinatos contra pretos e pardos cresce cada vez mais, sabendo que são a maioria da população brasileira? Quais os motivos que levam a esses comportamentos? Segundo “um estudo realizado pelo Núcleo de Justiça Racial e Direito, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo, aponta que órgãos do sistema judicial brasileiro, como o Ministério Público e diferentes tribunais, contribuem para a falta de punição a policiais envolvidos em ações que resultam em mortes de pessoas negras.”⁴

Com base nesses fatos, expressei minha indignação sobre o que ocorre no dia a dia de nós, pretos, e compus um rap (Boom Bap) que se chama “ATÉ QUANDO?”⁵, como uma forma de manifesto e repulsa contra alguns fatos que ocorrem pela repressão policial com a anuência da justiça e, conseqüentemente, com a nossa exclusão de diversos ambientes.

Há diversas formas de se expressar, e essa foi a única que encontrei para “desabafar” o que sinto em relação a essa injustiça. E por esse motivo, reforço que o rap se encaixa nesta pesquisa, compreendendo a importância dessa cultura em nossa sociedade. Merecemos voz, respeito e espaço nesse mundo.

³ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/violencia-policial-no-brasil-uma-pessoa-negra-e-morta-a-cada-quatro-horas/> Acesso em: 7 de Jun de 2023.

⁴ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/sao-paulo/policia-sp/sistema-judicial-contribui-com-violencia-policial-contra-negros-diz-estudo> 7 de Jun de 2023.

⁵ Lançado dia 20/11/2022 (dia da consciência negra).

Pet - (ATÉ QUANDO?)

Até quando?... Até quando vou ver meus irmãos sendo

Humilhados, fuzilados e amedrontados pelos Estado?

Eu vivo e me sinto mal representado

Não temos voz e muito menos valor no mercado

Sinto muito Floyd por ter sido enforcado

Ou até mesmo João Pedro por ter sido baleado

(É e adivinha por quem?... Outro policial amedrontado)

Vejo vários casos e por incrível que pareça

As investigações não trazem resultado

Ou o culpado ou os culpados

(Nunca trazem resultado)

Cansei, cansei de ser seguido no mercado

Ou por onde passo, sinto que tenho

que tomar cuidado

Da onde já se viu, PM confundir guarda - chuva com fuzil?

(Nós estamos no Brasil)

Ainda dizem que são o poder do Estado, que estado irmão?

(Estado de calamidade)

Tenho medo de sair de casa e virar mais um na estatística de assassinato.

...

Por outro lado, de acordo com publicação da Justiça do Trabalho, racismo é crime, mas ainda é muito presente nos ambientes de trabalho:

Em pleno século XXI, o racismo e a discriminação racial ainda estão presentes na sociedade e nas relações de trabalho. No Dia Nacional da Consciência Negra, celebrado no Brasil em 20 de novembro pela Lei 12.519/2011, destacamos o que diz a legislação, as consequências judiciais dos atos discriminatórios e as estatísticas que ainda demonstram a desigualdade entre raças.⁶

No entanto, de acordo com o autor, Silvio Almeida, em seu livro “Racismo Estrutural”:

⁶ Disponível em: <https://www.tst.jus.br/racismo> Acesso em: 7 de Jun de 2023.

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas” (2018, p.19.).

Compreendo que há diferentes concepções de racismo, que se manifestam em diferentes escalas da vida social. De acordo com Silvio Almeida, há:

[...] três concepções de racismo: individualista, institucional e estrutural. Quando terroristas brancos bombardeiam uma igreja negra e matam cinco crianças negras, isso é um ato de racismo individual, amplamente deplorado pela maioria dos segmentos da sociedade. Mas quando nessa mesma cidade - Birmingham, Alabama - quinhentos bebês negros morrem a cada ano por causa de falta de comida adequada, abrigos e instalações médicas, e outros milhares são destruídos e mutilados fisicamente, emocionalmente e intelectualmente por causa das condições de pobreza e discriminação, na comunidade negra, isso é uma função do racismo institucional. Quando uma família negra se muda para uma casa em um bairro branco e é apedrejada, queimada ou expulsa, eles são vítimas de um ato manifesto de racismo individual que muitas pessoas condenarão - pelo menos em palavras. Mas é o racismo institucional que mantém os negros presos em favelas dilapidadas, sujeitas às presas diárias de favelados exploradores, mercadores, agiotas e agentes imobiliários discriminatórios. (Almeida, 2018, p. 34).

Assim, é possível entender que o racismo pode estar presente em todos os lugares, em âmbito político, de trabalho, de concursos, em pessoas. E uma das formas de denunciar e lutar contra esses fatos é através da arte, da música. A música abaixo, do artista Nego Max, “Eu não sou racista” (MAX, 2020), mostra uma conversa entre quem sofre com o racismo e uma pessoa branca abordando o assunto na sua visão:

Nego Max - (EU NÃO SOU RACISTA)

Primeiro que isso não é nenhuma novidade
 Que somos humanos, eu sei, explicar isso pra sociedade
 Mas depois de séculos de atrocidade
 Percebi que na verdade, o homem branco que perdeu a humanidade
 Sua pena é a última coisa que eu preciso
 Guarda que tu vai precisar quando eu for cobrar o prejuízo

Quer falar o que quiser, mas não quer ter a preocupação
 Isso só mostra o quão nojenta é a sua intenção
 Trago marcas profundas na minha memória
 Abolição aqui só aconteceu nos livro de história
 Nessa conversa só existe dois lados
 O com o passado escravocrata e o outro com o passado escravizado
 Polícia brasileira é a que mais mata no mundo
 No Brasil morre um preto a cada vinte e três minuto
 Agora, sejamos francos
 Quantas pessoas cê conhece que morreu só por ser branco?
 Você não é racista? Tá bom
 Mas sua justificativa afirmou o quanto cê é boçal
 Tá incrustado, enraizado na mente o padrão
 Que relação normal com preto é de patrão e serviçal
 Sequestraram guerreiros, estupraram rainhas
 Aplicaram todo tipo de crueldade e covardia
 Nosso sangue é base dessa economia
 E você tem coragem de falar de meritocracia?
 Cota não é esmola, é a inclusão
 De um povo sequestrado e deixado sem reparação
 Olha o seu atraso
 Não quer ou não percebe que a violência é consequência do seu descaso?

...

Desde a escravidão o povo negro sofre para conseguir seu lugar na sociedade, visto que:

Em termos de direito, o escravo é visto como objeto de propriedade, logo, alienável e submisso a seu proprietário. Definição que alguns consideram uma ficção contraditória e insustentável quando se examina a prática e todas as perspectivas de exploração do escravo na história da humanidade. O próprio conceito de escravo não encontra consenso entre historiadores, economistas, sociólogos e antropólogos, além de ser um assunto carregado de emoção e afetividade. (Munanga, 2009, p.80).

Foram séculos de sequestro e tortura, que hoje se transformam (quando não repetem) em desigualdade social e econômica, miséria, assassinatos, homicídios e etc. Segundo Munanga, “o tráfico negreiro para as Américas teria provocado a morte de 60 milhões de africanos, cifra defendida por Martin Luther King. Mesmo considerada superestimada por alguns autores, não há como negar que o tráfico negreiro foi responsável pela morte de dezenas de milhões de negros.” (2009, p.81).

No entanto, isso ainda é atual e mesmo quando há mais consciência, o racismo e a segregação são fatores recorrentes. A sociedade molda o jeito de se vestir, de se comportar, de agir, mas esquece que o mundo é vasto, que existem outras culturas, outros tipos de cabelos, outras formas de vidas, que também precisam ser ouvidas e não excluídas. Tanto que, desde pequenos, somos ensinados sobre isso: sempre deixar as mãos fora do bolso para não acharem que estamos armados, ou não andar em lugares onde obviamente não somos bem vindos (lugares nobres). A situação das pessoas pretas é pública e é diariamente exposta pela mídia, como em mais essa matéria, que afirma que: “A população preta do país recebe menos que os brancos e é maioria nos setores da economia com baixa remuneração. Entre os principais obstáculos para a inserção estão o preconceito e dificuldades de acesso à educação”.⁷

É nesse mesmo sentido que vai a fala de Silvio Almeida, que não é uma exceção, mas a regra:

Desde que comecei a integrar as ações do movimento negro e a estudar a fundo as relações raciais, passei a prestar atenção no número de pessoas negras nos ambientes em que frequento, e que papel desempenham. Nos ambientes acadêmicos e próprios ao exercício da advocacia percebi que, na grande maioria das vezes, era uma das poucas, senão a única pessoa negra nestes lugares na condição de advogado e professor. Entretanto esta percepção se altera completamente quando, nestes mesmos ambientes, olho para os trabalhadores da segurança e da limpeza: a maior parte negros e negras como eu, todos uniformizados, provavelmente mal remunerados, quase imperceptíveis aos que não foram ‘despertados’ para as questões raciais como eu fora. (Almeida, 2018, p. 47).

Outro fator sobre a falta de espaço no mercado de trabalho seria a “boa aparência”, que as empresas costumam pedir como requisito. Ora, o que seria essa boa aparência, um cabelo liso e não crespo? Há diversos relatos em que as empresas não contratam pretos ou

⁷ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2019/11/17/interna-trabalho-formacao-2019.807077/negros-ocupam-cargos-com-menor-remuneracao-no-mercado-de-trabalho.shtm>
Acesso em: 17 de Jun de 2023.

pardos para tal cargo por conta de seu estilo de vida, de como a pessoa realmente se vê no mundo, “E o que é a boa aparência? No fim das contas, é ser branco.”⁸

Essas situações da vida real são também consideradas pelo geógrafo Renato Emerson dos Santos (2022), que argumenta que o Brasil tem no racismo um mecanismo organizador das relações e experiências espaciais. Para ele, e para mim:

Isso impacta as experiências de espaço, o ir-e-vir, na medida em que indivíduos e grupos subalternizados causarão, em determinados contextos, sentimentos de espanto, estranhamento e até mesmo repulsa – contextos e lugares onde sua presença é indesejada, e onde as fronteiras invisíveis se materializarão através dos comportamentos dos outros (Santos, 2022, p. 17).

O rap “Sodoma e Gomorra”, do rapper Borges, de 2021, já inicia com uma história sobre um jovem da periferia que trata o que expliquei anteriormente:

Borges - (SODOMA E GOMORRA)

Sodoma e Gomorra, espero que tu morra

Querem levar mais um cria pra força

Aquele mano te deseja força

Ele quer mais é que você se fod*

Negros e negros, fome do gueto

Olha o pretin alisando o cabelo

Fazer de tudo pra receber carta

Fazer de tudo pra ser menos preto

...

Nessa letra, podemos notar a analogia com o título de Sodoma e Gomorra, cidades bíblicas destruídas por conta dos pecados de seus habitantes. Nos versos podemos notar a falta de visibilidade e as dificuldades da periferia brasileira, retratando assim, uma vida repleta de obstáculos sociais e com o tráfico de drogas no dia a dia. Infelizmente essa é a realidade de diversas pessoas que vivem em favelas, enxergando uma única maneira de tirar seus sustentos: o crime.

⁸ Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2019/11/17/interna-trabalho-formacao-2019.807077/negros-ocupam-cargos-com-menor-remuneracao-no-mercado-de-trabalho.shtml> 17 de Jun de 2023.

2.1 ONDE JÁ SE VIU, PM CONFUNDIR GUARDA CHUVA COM FUZIL?

Era uma tarde qualquer de uma segunda-feira, 17-09-2018, dia chuvoso na favela Chapéu Mangueira, no Rio de Janeiro... mais uma morte por ação policial, algo que já virou “normal” nas comunidades. Um pai de família esperava os filhos e a esposa, porém um PM, da UPP (Unidade Polícia Pacificadora) avistou Rodrigo Alexandre e atirou três vezes, após confundir seu guarda-chuva com um fuzil, como foi noticiado pelo El País (Figura 2).

Figura 2: PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas.

PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas

Rodrigo Alexandre da Silva Serrano esperava a família chegar quando levou três tiros

Fonte: El país⁹

Segundo a matéria, “a polícia desceu correndo, achou que ele estava com colete e com fuzil, e atirou. A PM não só atirou, como matou o homem”¹⁰, acrescentou. “Não estava tendo operação naquela hora. Não teve troca de tiro.”¹¹ Mesmo após testemunhas avistarem a tragédia, “a PMERJ (Polícia Militar do Rio de Janeiro) dá outra versão. Procurada, a corporação informou que ‘os agentes foram alertados por populares que haviam criminosos na localidade do bar do David. Chegando ao local, houve troca de tiros e um breve confronto.’”¹²

Na figura 3 é possível ver o guarda-chuva de Rodrigo, que foi confundido pela autoridade:

⁹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html Acesso em: 17 de Jun de 2023.

¹⁰ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html Acesso em: 17 de Jun de 2023.

¹¹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html Acesso em: 17 de Jun de 2023.

¹² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html Acesso em: 17 de Jun de 2023.

Figura 3: Guarda-chuva que Rodrigo segurava nas mãos teria sido confundido com um fuzil.



Foto: El País.¹³

Após o ocorrido, a comunidade se manifestou, também nas redes sociais, como pode ser visto na Figura 4, em que todos carregam o mesmo modelo de guarda-chuva que Rodrigo usava, como forma de indignação e humanidade.

Figura 4: Comunidade do Chapéu da Mangueira; Rio de Janeiro.



Fonte: El País.¹⁴

¹³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html Acesso em: 17 de Jun de 2023.

¹⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html Acesso em: 17 de Jun de 2023.

Mortes acontecem todos os dias nesses ambientes, na maioria das vezes por motivos banais, mas isso tem que ter um basta, isso tem que parar. Vidas estão sendo interrompidas por questões sociais, por questões educacionais, por ódio.

Em maio de 2010, em Andaraí, na zona norte do Rio, um policial do Bope (Batalhão de Operações Especiais) matou um morador depois que confundiu uma furadeira com uma arma. “O cabo Leonardo Albarello atirou em Hélio Ribeiro quando ele estava no terraço da sua casa pregando uma lona com a furadeira, para proteger o pavimento da chuva.”¹⁵ Na figura 5 é possível ver imagens da furadeira e de uma pistola, fazendo então a comparação entre os dois.

Figura 05: Policial que confundiu furadeira e matou morador responderá pelo crime em liberdade.

Policial que confundiu furadeira e matou morador responderá pelo crime em liberdade



Fonte: Notícias Uol.

Mesmo após a fatalidade, “o cabo Leonardo Albarello, do Batalhão de Operações Especiais (Bope), responderá em liberdade ao processo em que é acusado de homicídio doloso (com intenção de matar)”¹⁶. Na música “Favela Vive 5”, somando diversos artistas nos mostra o que se passa com a população.

¹⁵ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html Acesso em: 19 de Jun de 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/05/20/policial-que-confundiu-furadeira-e-matou-morador-respondera-pelo-crime-em-liberdade.htm> Acesso em: 19 de Jun de 2023.

Quando uma pessoa não preta passaria por essa situação? Outra pergunta que deixo aqui como registro de denúncia do racismo e, para completar e ajudar a responder, recorro mais uma vez ao rap:

Além da Loucura - (FAVELA VIVE 5)

Favela Vive

Coisas que só quem é favela vive

Sonho tá a quilômetro, a morte tá a milímetros

Favela vive, mas uns não sobrevive

Com o fim antecipado e oito bala no perímetro

Desde menor tem coisa que eu não compreendo

E isso foi me corroendo, eu tive que me expressar

Mas quantos morrem? Quantos sofrem na mão do racismo imundo

E não tem chance de falar?

...

2.2 A polícia mata mais um preto algemado, desarmado numa câmara de gás, e ainda tem coragem de dizer que somos todos iguais?

O ano era 2022, quando, um método nazista foi utilizado para que um cidadão fosse morto após a polícia o jogar no fundo de um veículo e injetar gás no mesmo, causando a morte de Genivaldo de Jesus Santos. O caso ocorreu no litoral de Sergipe, onde Genivaldo estava com seu sobrinho Wallyson de Jesus. Com a abordagem dos policiais, o sobrinho de Genivaldo já tinha dito que seu tio tinha transtornos mentais, porém, não foi escutado pelas autoridades. “Eles pediram para que ele levantasse as mãos e encontraram no bolso dele cartelas de medicamentos. Meu tio ficou nervoso e perguntou o que tinha feito. Eu pedi que ele se acalmasse e que me ouvisse, relatou Wallyson.”¹⁷

Durante a abordagem, pessoas começaram a filmar o caso, já que estava sendo violento, porém, nem isso impediu os dois policiais de tal agressividade. Ninguém podia fazer nada, além de gritar e pedir socorro, já que quem estava cometendo os crimes era a própria polícia.

¹⁷ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/video-homem-morre-sufocado-em-camara-de-gas-dentro-de-carro-da-prf>
Acesso em: 09 Ago de 2023.

Nas imagens gravadas pela população, é possível ver Genivaldo ser rendido por dois policiais. Ele está no chão e depois é colocado no porta-malas da viatura. Enquanto um dos policiais segura a tampa do porta-malas para assegurar que ela continue fechada, o outro joga, dentro do espaço fechado, grande quantidade de gás. Quando o compartimento é aberto de novo, o homem já não se mexe mais.¹⁸

Se até mesmo a própria polícia pratica tais atos, como vamos viver sem medo? Há uma ideologia que reforça que algumas pessoas são superiores a outras, por conta da melanina, fator este que, até os dias atuais, lutamos contra. Entendo que isso tem que ser mostrado, tem que ser ensinado e não pode ser esquecido.

Após um ano dos crimes, o julgamento dos policiais (William de Barros Noia, Kleber Nascimento Freitas e Paulo Rodolpho Lima Nascimento) envolvidos no ato ainda não ocorreu, mesmo após toda repercussão chegar até a ONU. Eles estão presos desde 14 de outubro de 2022. Será que a justiça aqui no Brasil tem cor? Tem gênero? Para o advogado e presidente da OAB Sergipe, Danniel Alves, o caso Genivaldo marca a história jurídica do país. "É um dos maiores casos de violação dos direitos humanos dos últimos anos, e o Poder Judiciário está dando uma resposta rápida e eficiente. A sensação é de que valeu a pena lutar tanto para chamar a atenção da gravidade desse episódio tão trágico", disse.¹⁹ A figura 6 mostra os acusados de matar Genivaldo Santos, em 2022 e assim, novamente, trago um rap para ajudar a refletir.

¹⁸ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/video-homem-morre-sufocado-em-camara-de-gas-dentro-de-carro-da-prf>

Acesso em: 09 Ago de 2023.

¹⁹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2023/05/25/caso-genivaldo-julgamento-de-policiais-rodoviaris-federais-ainda-nao-tem-data-para-acontecer.ghtml> Acesso em: 09 Ago de 2023.

Figura 06: Culpados pela morte de Genivaldo Santos:



Foto: (Reprodução/TV Globo).²⁰

Setor Proibido - (PRIMAVERA FASCISTA 2)

Não entende o privilégio de ser burguês do Brasil

E 'tão batendo panela do alto do prédio

É mulher sofrendo assédio aqui o tempo todo

Tem milhões de George Floyd morrendo no morro

E no Alphaville, é "não pisa na minha calçada"

E na favela, é "seu polícia, não pisa no meu pescoço"

O som apresentado surgiu com o intuito de se manifestar contra o contexto político da época, quando Jair Bolsonaro era presidente, e que, em sua maioria, os discursos voltavam para o ódio e a repressão. O rap foi apresentado num festival em que “mais de 10 minutos destilaram todo o ódio guardado contra o sistema e mais uma vez contra Bolsonaro, mais atuais do que nunca, responderam inúmeras falas abjetas recentes do presidente e seus seguidores”²¹

²⁰ Disponível em:

<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2023/05/25/caso-genivaldo-julgamento-de-policiais-rodoviaris-federais-ainda-nao-tem-data-para-acontecer.ghtml> Acesso em: 09 Ago de 2023.

²¹ Disponível em:

<https://www.canalrapri.com.br/2020/10/27/mais-politizada-do-que-nunca-primavera-fascista-2-destila-o-odio-contra-o-governo/> Acesso em: 21 de Jun de 2023.

Com esses exemplos, procuro mostrar como o racismo está estruturado na sociedade, porém parece que ainda é visto como algo sem muita relevância, ao menos para a maioria. Os dias ainda são sangrentos e o alvo principal vira a cor da pele. Mesmo havendo políticas públicas e manifestações para alcançar um grande público, parece que levará tempo até a conscientização da população. Como mostra a figura 7 e como já mostrei anteriormente, os alvos são as pessoas pretas, vistas como os maiores alvos da polícia.

Figura 7: Estudo revela que pessoas negras são principal alvo da polícia.

Brasil

Estudo revela que pessoas negras são principal alvo da polícia

Relatório da Rede de Observatórios de Segurança mostra que pretos e pardos morrem mais que brancos em conflitos com as forças de segurança

Fonte: Veja abril.²²

No Brasil, o racismo no dia a dia é espacial e visual, pois no território brasileiro, a população de pretos e pardos é a maioria, de acordo com os dados do IBGE de 2022:

Em 2022 cerca de 92,1 milhões de pessoas (ou 45,3% da população do país) se declararam pardas. Foi a primeira vez, desde 1991, que esse grupo predominou. [...] Outros 88,2 milhões (43,5%) se declararam brancos. 20,6 milhões (10,2%), pretos, 1,7 milhões (0,8%), indígenas e 850,1 mil (0,4%), amarelas. [...] A região Norte tinha o maior percentual de pardos (67,2%), a região Sul mostrou a maior proporção de brancos (72,6%) e o Nordeste registrou o maior percentual de pretos na sua população (13,0%).²³

Embora ainda excluída de diversos ambientes, fazendo com que as pessoas de cor sejam a minoria em alguns lugares. A segregação racial é notória, fazendo com que o acesso a direitos e à inclusão sejam restritos, bem como o acesso à cultura, à educação e à saúde.

²² Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/brasil/estudo-revela-que-pessoas-negras-sao-principal-alvo-da-policia/>

²³ Disponível em:

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Em%202022%2C%20cerca%20de%2092,0%2C4%25\)%%2C%20amarelas.](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Em%202022%2C%20cerca%20de%2092,0%2C4%25)%%2C%20amarelas.) Acesso em: 21 de Jun de 2023.

Grandes favelas, que também são parte das cidades, são esquecidas como se ali não houvesse vidas para serem assistidas.

Termino esse tópico com uma música realista de como o negro é visto aos olhos de pessoas brancas preconceituosas e do poder dos policiais nas favelas, a música se chama “Eu vim de lá” do Kyan Mc, de 2021:

Kyan - (EU VIM DE LÁ)

Vou ter que desabafar

Ah, ah Que eu vim de lá da favela, cotidiano complicado

Nasci e cresci vendo roubo e guerra

O certo agindo no errado

Isso que tô falando do mano de farda

Que teve educação, bem fundamentado

Ganhou poder e a arma de fogo

E me deu a escolha de pagar ou ser forjado

Eu sei que é errado

Mas nasci e vivi vendo tudo isso

E na escola nem o mais estudado

Conseguiu explicar o porquê do racismo que eu tô sofrendo...

Mas, senhor, por que tá me batendo?

Mas, senhora, por que tá escondendo? Alguém me explica, eu não tô entendendo

Por que sou medido sempre onde chego?

Por que tão rindo do meu cabelo?

Por que a branquinha me olha estranho?

Por que ela acha que preto é feio? Oh, mãezinha, por que que eu não nasci branco?

A música é um relato de como e por quais motivos ele virou alvo de uma sociedade que já ensina as crianças pretas sobre o assunto, não para assustá-las, mas para alertá-las da realidade do “cotidiano complicado”. Como uma criança vai entender o racismo que sofre? Por quais motivos acham ele estranho por ser negro?

Respostas que talvez não sejam difíceis de dar, já que, durante toda a história a exclusão tanto antes e depois da escravidão é um dos motivos primordiais para a repressão no meio social. Os cargos mais importantes, em sua maioria, são representados por brancos, raramente tendo um preto com melhores cargos, educação, oportunidades e etc.

Por outro lado, felizmente, há lutas para que a inclusão seja mais recorrente, como as cotas da educação, porém, isso ainda não é o suficiente. Para isso se reverter, ações públicas precisam combater o racismo estrutural, infelizmente, nem sempre bem investidas pelas instituições do Estado. Por esse motivo, ONGS e ativistas lutam para que isso possa mudar, uma luta que não pode se acabar. “No Brasil houve um crescimento de 31% nas denúncias de racismo em 2021, totalizando mais de 6 mil casos ao longo do ano. Por ser um tema urgente na sociedade, diversas organizações não-governamentais e da sociedade civil desenvolvem trabalhos específicos para cada área afetada pelo racismo sistêmico no país.”²⁴

Há diversas ONGS em todo o Brasil, onde: “essas entidades sem fins lucrativos frequentemente desenvolvem trabalhos fundamentais para enfrentar a desigualdade social e econômica no país. Por serem sem fins lucrativos, elas necessitam de contribuições do público para se manterem ativas.” Exemplo disso, seria o Fundo Baobá que:

[...] é o primeiro e único fundo dedicado, exclusivamente, para a promoção da equidade racial para a população negra no Brasil. Criada em 2011, a organização sem fins lucrativos que tem por objetivo mobilizar pessoas e recursos, no Brasil e no exterior, para o apoio a projetos e ações pró-equidade racial para a população negra. A instituição fortalece e investe em editais, organizações e lideranças negras comprometidas com o racismo, a promoção da equidade racial e justiça social. Parte das doações feitas pelo Fundo Baobá concentra-se na região Nordeste do país, uma região estratégica para a promoção da equidade racial devido à sua composição demográfica, histórico de resiliência e inovação neste campo.²⁵

Grandes nomes internacionais como Malcon X, Martin Luther King e Rosa Parks, lutaram para que a sociedade como um todo e principalmente nos EUA, fosse mais justa, pois as desigualdades eram visíveis, onde os negros sempre eram vistos como inferiores se comparados aos brancos no meio social. Essas lutas foram carregadas por ações que escreveram uma história de resistência ao racismo, muitos perdendo a vida, e assim, deixando um legado de extrema importância que se expande cada dia mais, movimentos esses que demonstram força e esperança para que a sociedade seja justa com todos.

No território brasileiro houve e ainda há lutas de combate ao racismo, tendo grandes nomes como Mariele Franco, Abdias Nascimento, Luiz Gama, dentre vários outros, que

²⁴ Disponível em:

<https://observatorio3setor.org.br/noticias/6-organizacoes-que-lutam-contr-o-racismo-no-brasil/> Acesso em: 21 de Jun de 2023.

²⁵ Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/6-organizacoes-que-lutam-contr-o-racismo-no-brasil/> Acesso em: 21 de Jun de 2023.

buscavam a inclusão, a liberdade, lutas essas que inspiram pessoas para que assim ainda sejam feitas, as pessoas são primordiais para fazer uma sociedade para todos.

2.3 Que país é esse onde um preto para na cadeia por 10g de baseado?

Figura 8, “Homem preso em MG com 10g de maconha.” é mais um exemplo de como a população preta é visibilizada nos noticiários nacionais:

Homem preso em MG com 10g de maconha e que morreu com suspeita de Covid teria chance de sair da cadeia neste mês

A apelação do julgamento de Lucas Moraes, de 28 anos, seria no fim de julho. Ele morreu no último sábado (4). Ele teve três pedidos de habeas corpus negados.

Fonte: G1 Minas.²⁶

Um jovem de 28 anos teve sua casa abordada por policiais que prenderam-no por tráfico de drogas. Em seu bolso, no entanto, havia apenas 10 gramas de maconha, o que o fez pegar uma condenação de cinco anos e dez meses em regime fechado. Durante todo o processo, Lucas Moraes, obteve 3 habeas corpus negados depois de cumprir quase dois anos. Infelizmente, morreu na prisão no mês de seu julgamento por suspeita de Covid. “Lucas estava preso junto com outros 200 homens em Manhumirim.”²⁷

Lucas não tinha doenças preexistentes. No dia 25 de junho, o teste rápido que ele fez acusou a presença do novo coronavírus. Por ser teste rápido, não é considerado conclusivo, por isso a morte ainda é tratada como "suspeita de Covid-19". A Sejusp diz que a causa da morte segue em investigação.²⁸

²⁶ Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/07/10/homem-presos-em-mg-com-10g-de-maconha-e-que-morreu-com-suspeita-de-covid-teria-chance-de-sair-da-cadeia-neste-mes.ghtml> Acesso em: 02 Ago de 2023.

²⁷ Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/07/10/homem-presos-em-mg-com-10g-de-maconha-e-que-morreu-com-suspeita-de-covid-teria-chance-de-sair-da-cadeia-neste-mes.ghtml> Acesso em: 02 Ago de 2023.

²⁸ Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/07/10/homem-presos-em-mg-com-10g-de-maconha-e-que-morreu-com-suspeita-de-covid-teria-chance-de-sair-da-cadeia-neste-mes.ghtml> Acesso em: 02 Ago de 2023.

De acordo com a Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp), 159 deles testaram positivo para a Covid-19.

Segundo a Sejusp, no sábado, Lucas desmaiou na cela e foi encaminhado desacordado para atendimento no hospital Padre Júlio Maria, onde morreu. Inicialmente, disseram aos familiares que a causa era infarto, mas no atestado de óbito veio o resultado positivo para a covid-19.²⁹

Com base na referida história de Lucas, trago mais um retrato que expressa que a igualdade de “raças” não existe, portanto, a diferença de tratamento para cada cidadão dependendo de sua “cor de pele”, ou seja, a visibilidade de pretos e pardos ainda é algo de extremo preconceito. Vidas pratas são interrompidas de forma brutal e cruel e casos como esses são vistos dia após dia existindo, assim, uma forma de tratamento para brancos, tendo o privilégio de sair na rua e não ser abordado de forma bruta e de outra forma para negros, sendo brutalmente maltratados, seja por policiais ou pela civilização, na letra de música do artista Guiu exemplifica esses casos:

Guiu (Resiliência Preta)

Pretos e pretas são sinônimos de luta, mano
 Nada foi fácil pra nós, mano
 Fica achando que vai ser pra vocês, tá ligado? (Ahn)
 Nós não passa pano, nós taca fogo, porra, nós taca fogo! (rap Box, Guiu, ó)
 Sei que tu finge amar preto
 E disfarça o racismo numa hashtag (não é não? Não é não?)
 Quantos dos mortos são do gueto?
 Amarildo, João Pedro, Agatha, Marielle (ah!)
 Difícil aqui é não ter medo
 Chegou em casa vivo? Então faça suas prece (amém, amém)
 Porque 'cês são precoce com preto
 Quantos já morreram antes dos 17?
 Me diz você, quantos da sua área
 Podem andar tranquilo sem medo da morte

²⁹ Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/carta-capital/jovem-negro-presos-por-10g-de-maconha-morre-em-presidio-por-coronavirus/> Acesso em: 04 de Ago de 2023.

E voltar pra casa e repetir o ciclo
Sem no fim do dia tá vivo por sorte.

Nessa letra, o artista “mostra que chegou no cenário para resgatar toda a essência de seus ancestrais e os conceitos do hip hop, dessa forma não desperdiça linhas em suas construções”³⁰. Esse caso, e esse rap, demonstram que só tem acesso a direitos quem tem recursos para pagar um advogado adequado ao caso. Há de se entender que histórias como essa ocorrem todos os dias, sem ao menos serem noticiadas pelos veículos de imprensa, e que abordar atos como esses em público é uma forma de se manifestar contra tais atos. Não podemos mais aceitar pessoas morrendo por porte de maconha, por uma planta que tem comprovadamente benefícios para a saúde. Por outro lado, a mera proibição traz sérios problemas sociais, pois mantém pessoas inocentes presas junto com criminosos, tratando-os assim, como mais um criminoso, por estar apenas fumando. Segundo reportagem da revista Galileu, estudos mostram que, “o Brasil começou a reprimir o uso de maconha, e a associá-la ao preconceito racial — o consumo de Cannabis se tornou uma forma de criminalizar a população negra, historicamente marginalizada.”³¹ Interessante que a erva era incentivada pela Coroa Portuguesa em 1500, utilizada em uso medicinal, podendo beneficiar pacientes para o tratamento de várias doenças. Porém, era consumida também por índios e escravos, já que fazia parte da sua cultura. E por esse fator, avistaram um “motivo” para a discriminação do uso da maconha, pelo mesmo motivo que a população vem lutando desde sempre, o racismo. “A erva, aliás, está no cerne da história moderna do Brasil. É que as caravelas portuguesas que chegaram ao país em 1500 eram feitas de fibra de cânhamo — a palavra maconha em português, por sinal, seria um anagrama da palavra cânhamo.”³²

A proibição se dá por fatores históricos e de perseguição de povos, no entanto, atualmente, em diversas partes do mundo, a legalização é presente como no Uruguai, Canadá, México, Alemanha e dentre vários outros fazendo que ninguém seja preso por fumar maconha. Porém, no Brasil esse processo ainda é de repressão, felizmente a legalização está

³⁰Disponível em: <https://www.rapdab.com.br/2020/10/09/guiu-lanca-em-parceria-com-o-rap-box-resiliencia-preta/> Acesso em: 09 Ago de 2023.

³¹ Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/07/entenda-por-que-maconha-foi-proibida-ao-redor-do-mundo.html> Acesso em: 04 de Ago de 2023.

³² Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/07/entenda-por-que-maconha-foi-proibida-ao-redor-do-mundo.html> Acesso em: 04 de Ago de 2023.

sendo discutida com autoridade, para assim determinar os limites de usuário e traficante, como mostra a figura 9.

Figura 9: STF parou julgamento a um voto de descriminalizar porte de maconha, mas já tem maioria para distinguir usuário e traficante, entenda.

STF parou julgamento a um voto de descriminalizar porte de maconha, mas já tem maioria para distinguir usuário e traficante; entenda

Zanin abriu discordância sobre o porte da maconha, mas concordou em definir quantidade-limite para usuário. Regras valerão após julgamento terminar; Mendonça tem 90 dias para devolver tema à pauta.

Fonte: G1 notícias.³³

Em 2024, o Brasil descriminalizou o porte de maconha, sendo um marco histórico no país, com a quantidade definida de 40 gramas para determinar usuário de traficante. Ainda no Brasil, o processo de legalização irá levar tempo, tendo idas e vindas sobre a votação. É notório o descaso quanto a isso, pois observa-se que desde 2015 a legalização está em pauta. Caso a liberação no Brasil vire realidade, a diferença entre usuário e traficante estará na quantidade que cada indivíduo possui, tendo um limite de permitido por cada pessoa, essa proposta ainda será de extrema dificuldade ser aceita, visto que a maconha ainda está enraizada sobre preconceitos e não em seus benefícios.

Segundo Almeida (2018, p. 25), “preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais ‘naturalmente’ preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos.” (Almeida, 2018, p. 25). E é justamente baseado nesse preconceito racial que se considera os negros criminosos, mesmo antes de serem julgados.

³³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/25/stf-parou-julgamento-a-um-voto-de-descriminalizar-porte-de-maconha-mas-ja-tem-maioria-para-distinguir-usuario-e-traficante-entenda.ghtml> Acesso em: 04 de Ago de 2023.

3 O ESTADO DE CALAMIDADE NÃO É DE HOJE

Discurso de ódio, assassinatos, espancamentos, enforcamentos... Alguns dos casos que ocorrem no dia a dia da pele preta. Pergunte quantas vezes já foram seguidos no mercado, ou das vezes que pessoas atravessaram a rua com medo, dos momentos de humilhação...

Como já dito anteriormente, isso se dá por razões históricas, pois parcela da população foi excluída da condição de cidadãos, sendo que um dos períodos mais marcantes dessa exclusão foram os anos em que as políticas de “branqueamento racial”, como uma alternativa para reduzir a população preta entre finais do século XIX e início do XX, imperaram no país. De acordo com Fernandes (2022, online), “o branqueamento no Brasil foi um projeto apresentado à comunidade mundial no primeiro Congresso Universal das Raças em 1911, em que o país foi representado por João Baptista de Lacerda e apoiado por outros cientistas e estudiosos da época.”³⁴

O fato do Primeiro Congresso Universal de Raças abordar tal assunto acerca de raças não significa que essa ideia tenha iniciado em 1911. Há de se entender que essas ideologias não surgiram do dia para a noite, mas foram importadas da Europa pela elite brasileira, que temia que a cultura e a genética dos indígenas, mestiços e pretos fosse predominante um dia. De acordo com Fernandes (2022, online):

A teoria do embranquecimento ou branqueamento no Brasil fez parte desse projeto criado pela elite brasileira no século XIX e meados do XX ao perceber que, devido à grande parte da população brasileira ser composta de negros e indígenas, isso enegreceria a sociedade, o que para eles seria algo tido como negativo, já que os colonizadores só consideravam “normais” somente as pessoas de origem europeia.³⁵

O racismo, portanto, vem sendo enraizado na sociedade brasileira desde o período da escravidão quando os negros só serviam de mercadoria e não eram vistos como seres humanos, e reforçado no período das teorias de branqueamento, após a abolição da escravatura. As marcas estão presentes até hoje e há uma dívida histórica a ser paga. Por outro lado, há quem diga que o “racismo reverso” exista, o que não tem qualquer sentido prático ou fundamento histórico.

O branqueamento era uma alternativa que passou por vários “estudiosos” antropólogos que se basearam no Darwinismo Racial ou Darwinismo Social, enxergando a

³⁴ Disponível em: <https://www.politize.com.br/embranquecimento/> Acesso em: 21 de Jun de 2023.

³⁵ Disponível em: <https://www.politize.com.br/embranquecimento/> Acesso em: 21 de Jun de 2023.

sociedade como dois grupos sociais diferentes: os superiores e inferiores. Portanto “o darwinismo social foi adaptado da teoria da evolução de Darwin, afirmando que somente o mais forte estaria apto para sobreviver. Sendo assim, este consecutivamente seria superior.” (França e Silva, 2018, p. 01.) A lógica encontrada pelos “cientistas” diria que os inferiores seriam moldados de acordo com os superiores, o que isso quer dizer?

O darwinismo social pode ser definido como a aplicação das leis da teoria da seleção natural de Darwin e na sociedade humanas. Seu grande mentor foi o filósofo inglês Herbert Spencer (1820 - 1903) que inclusive criou a expressão “sobrevivência dos mais aptos”, que mais tarde também seria usada por Darwin. O darwinismo social que os seres humanos são, por natureza, desiguais, ou seja, dotados de diversas aptidões inatas, algumas superiores e outras inferiores. A vida na sociedade humana é uma luta “natural” pela vida, portanto é normal que os mais aptos vençam, ou seja, tenham sucesso, fiquem ricos, tenham acesso ao poder social, econômico e político; da mesma forma é normal que os menos aptos fracassem, não fiquem ricos, não tenham acesso a qualquer forma de poder. (Bolsanello, 1996, p. 154).

É de extrema importância entender em qual situação a sociedade se encontrava, visando de um lado os “fortes”, que seriam a raça ariana, e os “fracos”, representado por pretos e indígenas, muitas das vezes sendo chamados de marginais, vadios e etc. Não só isso, mas como a cor de pele e sua origem também “afetava” na sua genética.

A questão sobre as raças também foi estudada e abordada em outras ciências como a psicologia, neurologia, sociologia, antropologia e etnologia.

A eugenia trouxe a ideia de melhoria genética, onde os menos aptos precisavam ser excluídos ou de não procriar. As práticas eugenistas já vinham desde antes da Segunda Guerra Mundial, que tinham o princípio de esterilizar pessoas dos grupos “indesejáveis”. “Por outro lado, as ideias de Hitler foram em boa parte fundamentadas pelo darwinismo social, pela eugenia e pelo racismo dito científico, resultando no genocídio que estremeceu a humanidade.” (Bolsanello, 1996, p. 155). Importante ressaltar que além de sermos mal vistos ao olhos da sociedade, as oportunidades que temos em relação ao branco são totalmente desiguais, não só pelo fato econômico, mas sim por questões políticas e sociais.

No Brasil, a prática de escravidão iniciou-se nos meados de 1532, quando os negros foram trazidos até o país, sem nenhuma condição, sem voz e proteção, sendo assim, visto como objeto de seu “dono” não tendo direito à absolutamente nada.

As ordens religiosas, zelosas na defesa dos índios, logo aceitaram promoverem e usufruíram da escravidão africana, não se importando com a formação moral e intelectual do negro e sua preparação para a sociedade em que a força foi colocado. Inclusive, o estatuto jurídico e social do escravo foi baseado no direito romano, em que o escravo é objeto do dono, que dele pode fazer o que desejar. (Prado Júnior, 1994) (Bolsanello, 1996, p. 156).

Passados os mais de 300 anos de escravidão, a abolição ocorreu em 1888, para que assim cessasse o trabalho forçado, porém, sem uma forma digna. Sem acesso à sociedade, não obtiveram recursos ou ajuda na época, fazendo com que suas vidas não significassem muito. Deixados à beira da miséria, pobreza, doenças e desemprego.

Assim, considerar determinadas pessoas ou expressões culturais como superiores e inferiores, vem sendo, há mais de um século, uma estratégia de exclusão da população preta da sociedade brasileira. Por outro lado, todos os discursos sobre a cultura e discriminação disseminados pelo rap, grafites e danças são baseadas em fatos que a própria sociedade cria, mostrando os descasos ocorridos no dia a dia e buscando visibilizar uma expressão cultural atravessada pelo racismo vivido pela população preta.

Os estereótipos sempre estiveram presentes ao olhar para uma pessoa preta que não está bem vestida ou que usa dreads, estas acabam virando alvo de críticas e julgamentos e inferiorização. Para exemplificar os estereótipos, se é que isso ainda é necessário, destaquei fatos sobre os assuntos aqui abordados na rede social Instagram, na qual fiz o seguinte questionamento: “Gostaria de receber relatos de pessoas que sofreram por racismo ou o que enxergam disso na sociedade” e, conseqüentemente, algumas pessoas me mandaram mensagens sobre alguma história que já lhe ocorreu. Após receber as histórias pedi a permissão de poder escrevê-las, sendo 5 relatos como destaque abaixo:

Relato 1: “As pessoas não querem ficar perto só por causa da cor da minha pele.”

Relato 2: “Ser chamada de macaca.”

Relato 3: “O padrão né mano, aqueles olhares tortos que você sabe a razão, povo seguindo em loja, shoppings e etc.”

Relato 4: "Polícia visando sem razão, ter que escutar que preto não é confiável como se fosse brincadeira.”

Relato 5: “Cara, sobre racismo, eu acho que ao longo da vida conforme você vai crescendo, você passa por várias situações como essas, mas como vc é jovem não percebe, mas quando vai ganhando mais maturidade e entendendo das coisas, percebe depois que essas situações

são racistas que deixam a gente desconfortáveis, parando pra pensar hoje em dia.... quero contar uma situação que faz uns 4 ou 5 anos atrás, eu trabalhava de tarde e fazia cursinho pré vestibular comunitário de noite, em um certo dia eu estava conversando com um amigo, melhor amigo inclusive, pra nós se encontrar ao final da aula, já que estudávamos juntos na época, pra irmos comer um lanche e depois ir pra casa, eu lembro que fomos caminhando até essa lanchonete, a gente chegou nessa lanchonete e pegamos o cardápio e sentamos lá atrás, e como eu disse, eu trabalhava tinha dinheiro pra pagar, a gente começou a ver os valores e perguntei ao meu amigo o que ele queria, ai ele falou ‘cara as parada tão muito cara, você não quer ir perto da sua casa e comprar dois hot dog não?’ ai falei não cara nem precisa, pega o que quer ai... Isso no máximo uns 5 minutos, então decidimos ir perto de casa comprar outro lanche mais barato, ao sair entregamos o cardápio no balcão e um dos garçons fez uma ‘brincadeirainha rindo’ olhando pra nós e dizendo, ‘oh não pode sair sem pagar não em’ não tínhamos consumido nada, ficamos envergonhados, vale ressaltar que tínhamos uns 17 ou 18 anos, mas continuou insistindo pra nós pagar o que não compramos e olhando com um olhar que já conhecemos, de racismo... Aí umas das pessoas, outro atendente disse que não consumimos nada, foi humilhante porque a lanchonete estava cheia e todos nos olhando como se fosse ‘roubar’ algo dali, saímos muito envergonhados, e perguntamos um para o outro qual a necessidade disso? Depois disso nunca mais entrei nessa lanchonete.”

A forma como crescemos é totalmente diferente da realidade de pessoas brancas, temos que pensar duas vezes a mais no que falar, no que se expressar, em como nos comportar. “Após 133 anos do fim da escravidão, o racismo ainda impõe condições de vida muito piores à população negra.”³⁶

A figura 10 ilustra a realidade vivida pelos negros no século XIX, quando pessoas escravizadas serviam os senhores sem o direito de escolha, sendo tirados de suas terras de forma forçada e vendidos como mercadorias. Na pintura de Debret, um senhor está sendo carregado por seus escravos para servi-lo quando pedir.

³⁶ Disponível em:

<https://www.sindmetalsjc.org.br/noticias/n/5288/desigualdade-entre-brancos-e-negros-e-realidade-cruel-no-brasil>. Acesso em: 30 Jul. 2023.

Figura 10: Arte de Jean Baptiste Debret.



Fonte: Agência Senado.³⁷

No entanto, as heranças africanas no território brasileiro são nítidas, com culturas e costumes que passaram por gerações até chegarem a ser como conhecemos hoje. Há de se entender que os escravizados africanos chegaram no Brasil por diversas rotas e segmentos geográficos:

Todos os africanos levados ao Brasil vieram pela rota transatlântica. Isso envolveu povos de três regiões geográficas; África Ocidental, de onde foram trazidos homens e mulheres dos atuais Senegal, Mali, Níger, Nigéria, Gana, Togo, Benim, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné e Camarões, África centro-ocidental, envolvendo povos do Moçambique, da África do Sul e Namíbia. Na literatura e nos textos escritos sobre o assunto, diz-se geralmente que os africanos escravizados no Brasil foram trazidos do litoral da Angola, do litoral de Moçambique e do Golfo de Benim, de onde embarcaram rumo ao Brasil. Mas de fato teriam vindo do interior das áreas citadas e dos países e grupos étnicos cuja documentação foi em grande parte queimada sob as ordens de Rui Barbosa, então Ministro das Relações Exteriores no Brasil. (Munanga, 2009, p.87).

Muitas das vezes, ocorreram mortes ao longo do caminho. “Os africanos foram trazidos para trabalhar num dos ramos mais avançados da indústria ocidental no século XVI:

³⁷ Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas> Acesso em: 30 Jul. 2023.

a indústria açucareira”³⁸. Chegando no Brasil, eram tratados como mercadoria. Com a grande mão de obra, o território se desenvolvia cada vez mais, e com o tráfico negreiro diversas pessoas foram vendidas para o “bem” dos negócios e comércios, passando por diversos trabalhos forçados, a exemplo:

Nas cidades, eram os escravos que se encarregavam do transporte de objetos, dejetos e pessoas, além de serem responsáveis por uma considerável parcela da distribuição do alimento que abastecia pequenos e grandes centros urbanos. Escravos vendedores ambulantes e quitandeiros, sobretudo mulheres, povoavam as ruas de Recife, Salvador, Ouro Preto, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e outras cidades.³⁹

Durante as longas viagens, as torturas e maus tratos eram recorrentes. “Os navios negreiros que transportavam africanos até o Brasil eram chamados de tumbeiros, porque grande parte dos negros, amontoados nos porões, morria durante a viagem.”⁴⁰ Outro fator era o ambiente totalmente diferente do que já se viveu, pois estavam jogados num país desconhecido, e isso afetou no bem estar, causando o chamado “*banzo*”⁴¹ (melancolia), causado pela saudade da sua terra e de sua gente, era outra causa que os levava à morte.”⁴²

O trabalho dos escravos não fortaleceu somente o açúcar, mas também “na agricultura de abastecimento interno; na criação de gado; nas pequenas manufaturas; no trabalho doméstico; em toda ordem de ocupações urbanas.”⁴³

Mesmo após a abolição, a população preta não ganhou recursos para ter uma vida digna fora das senzalas, não havia casas, nem apoio

³⁸ Disponível em:

<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/o-trabalho-dos-negros-africanos.html>

Acesso em: 30 Jul. 2023.

³⁹ Disponível em:

<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/o-trabalho-dos-negros-africanos.html>

Acesso em: 30 Jul. 2023.

⁴⁰ Disponível em:

<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/o-trabalho-dos-negros-africanos.html>

Acesso em: 30 Jul. 2023.

⁴¹ **Banzo** (do quimbundo *mbanza*, "aldeia") era como se chamava o sentimento de melancolia em relação à terra natal e de aversão à privação da liberdade praticada contra a população negra no Brasil na época da escravidão. Foi também uma prática comum de resistência aos maus tratos e ao trabalho forçado. Pode-se falar que banzo é um sinônimo de depressão.

⁴² Disponível em:

https://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/traf_negreiro.html#:~:text=Os%20negros%20trazidos%20para%20o.e%20no%20Rio%20de%20Janeiro.

Acesso em: 30 Jul. 2023.

⁴³ Disponível em:

<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/o-trabalho-dos-negros-africanos.html>

Acesso em: 30 Jul. 2023.

governamental, escolas, emprego e etc. As pessoas de pele negra puderam deixar a servidão, mas não receberam os instrumentos necessários para tocarem a vida por conta própria com dignidade. Eles não ganharam terra nem escola, apesar de parlamentares terem apresentado projetos de lei nesse sentido. Tampouco prosperaram os planos de indenizá-los pelos anos de cativo. Restringiram-lhes até mesmo o trabalho. Para as plantações de café e as primeiras indústrias, o governo preferiu incentivar a imigração de trabalhadores da Europa e da Ásia.⁴⁴

O processo de favelização no Brasil se iniciou após a abolição da escravatura. Afinal, onde essas pessoas teriam que buscar algum lugar de refúgio, já que não teriam ajuda do Estado? Grande parte subiu os morros para que assim pudessem ter um “barraco” para chamar de casa. As dificuldades são o reflexo visivelmente do descaso e da exclusão, moradias irregulares, vivendo com esgoto a céu aberto, zona de deslizamentos, e principalmente, falta de segurança.

Todavia, a maioria das favelas brasileiras é fruto do processo de Industrialização do século XX, sobretudo do processo de Modernização dos Latifúndios na época da Ditadura Militar. Com isso, o êxodo rural (saída do campo para as cidades) foi uma alternativa encontrada pelos trabalhadores camponeses, os quais foram expulsos do campo em detrimento do progresso revelado pelas máquinas agrícolas, o que levou ao crescimento desordenado das favelas nos grandes centros e nas médias cidades. Não obstante, com o passar do tempo, a favelização no Brasil adquiriu grandes proporções refletidos nas estatísticas como o aumento da miséria, do desemprego, da violência e dos contrastes sociais.⁴⁵

No Brasil, há centenas de favelas, sendo a maior a “Favela da Rocinha” localizada no Rio de Janeiro, somando uma população de aproximadamente 70 mil habitantes. Seguem os dados de porcentagem sobre as favelas, de acordo com os a matéria sobre a “favelização do Brasil”⁴⁶: 44% da população latino americana vive em favelas e subúrbios com infraestrutura precária, 33% da população dos países em desenvolvimento vive em favelas, 11% da

⁴⁴ Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas> Acesso em: 30 Jul. 2023.

⁴⁵ Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/favelizacao-no-brasil/#:~:text=In%C3%ADcio%20da%20Faveliza%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil,aos%20morros%2C%20c%C3%B3rregos%2C%20etc.> Acesso em: 02 Set 2023.

⁴⁶ Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/favelizacao-no-brasil/#:~:text=In%C3%ADcio%20da%20Faveliza%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil,aos%20morros%2C%20c%C3%B3rregos%2C%20etc.> Acesso em: 02 Set 2023.

população de São Paulo vivem em favelas, enquanto 22% da população do Rio de Janeiro habitam tais moradias, segundo o censo do IBGE (2010) a cidade com maior número de pessoas que vivem em favelas no Brasil é o Rio de Janeiro com 1.393.314 habitantes.

A Favelização no Brasil é um processo muito comum que ocorre, tal qual nos países em desenvolvimento, devido ao acelerado crescimento (desordenado) associado aos problemas de planejamento e má gestão dos espaços urbanos, o que resulta na segregação urbana enquanto um reflexo da exclusão social, causadora de problemas como clandestinidade, marginalidade, violência e insalubridade.⁴⁷

⁴⁷ Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/favelizacao-no-brasil/#:~:text=In%C3%ADcio%20da%20Faveliza%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil,aos%20morros%2C%20c%C3%B3rregos%2C%20etc.> Acesso em: 02 Set 2023.

4 A ARTE (MÚSICA) COMO UM DESABAFO DE FATOS OCORRIDOS.

Nesta seção procuro mostrar, por meio da história do rap e do hip-hop, a relação entre essas manifestações culturais e suas práticas de resistência e o preconceito vivido pela população preta.

No que diz respeito ao movimento hip-hop, a música traz benefícios ao nosso bem estar, estimula o movimento, por meio de danças, como o break, e estimula também um estilo de vida, com as roupas e o cabelo. O rap que ouvimos transmite conceitos, vivências, histórias, momentos de luta e protestos. Portanto, esse estilo musical carrega consigo mensagens do que está ocorrendo ao nosso redor, como preconceitos, xenofobia, segregação, dentre vários outros temas relacionados à população preta. Vale ressaltar que essa cultura, ainda nos dias atuais, é vista como manifestação de vandalismo e segue sendo marginalizada.

A cultura hip-hop emergiu como fonte de formação de uma identidade alternativa e de status social para os jovens numa comunidade, cujas antigas instituições locais de apoio foram destruídas, bem como outros setores importantes. [...] A identidade do hip-hop está profundamente arraigada à experiência local e específica e ao apego a um status em um grupo local ou família alternativa. Esses grupos formam um novo tipo de família, forjada a partir de um vínculo intercultural que, a exemplo das formações das gangues, promovem isolamento e segurança em um ambiente complexo e inflexível. E, de fato, contribuem para as construções das redes da comunidade que servem de base para os novos movimentos sociais (Rose, 1997, p. 202).⁴⁸

Isso mostra que, diante de tantas desigualdades e preconceitos, as palavras são a maior força das comunidades contra esses atos. O rap é uma forma de mostrar resistência e visibilidade, por esse motivo existem diversos ritmos/estilos de rap, sempre visando a vivência da população preta.

⁴⁸ Disponível em: https://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf Acesso em: 09 Ago de 2023.

Figura 11: Vereador Eder Borges (PP) de Curitiba vincula hip-hop à criminalidade.

Vereador Eder Borges (PP) de Curitiba vincula hip-hop à criminalidade

Fonte: RAPmais.⁴⁹

No entanto, e como já venho argumentando, o preconceito, ancorado no racismo histórico do Brasil, ainda é enorme. “É íntima a ligação do hip hop com o crime organizado e com a extrema-esquerda, que, na verdade, é a mesma coisa”⁵⁰, diz Eder Borges no dia 25 de abril de 2023, durante uma votação na Câmara Municipal de Curitiba (CMC), quando se buscava aprovar uma lei que considerava o hip hop como patrimônio imaterial do Paraná.

Segundo foi divulgado pelo portal Bem Paraná, Eder Borges (PP) foi o primeiro a falar, se posicionando contra a proposta. Resumindo: o movimento, disse ele, surgiu nos Estados Unidos, “naqueles guetos”, e teria “uma raiz racista”, sem ter um vínculo com a cultura local. “É íntima a ligação do hip hop com o crime organizado e com a extrema-esquerda, que, na verdade, é a mesma coisa [...] Tem umas letras que realmente me fazem questionar se devemos aprovar esse requerimento”⁵¹, indicou ele, citando trechos de músicas. “hip hop é coisa de detento”, concluiu a fala.” Com falas racistas e sem nexos, a vereadora Giorgia Prates rebate suas críticas e pensamentos sobre o movimento do hip hop, “sua fala é racista quando diz que o hip hop é coisa de detento. [...] Só pode dizer isso quem realmente nunca pisou numa periferia. Então, sim, olhar para o hip hop hoje é olhar para a periferia”, acrescentou ela. Na avaliação da Mandata Preta, Curitiba tem espaços como o Bosque do Alemão, mas não equipamentos públicos que reconheçam a cultura africana. “É importante pontuar, houve falas racistas e nós temos que levar isso adiante”, repetiu ela.⁵²

⁴⁹ Disponível em:

<https://portalrapmais.com/vereador-eder-borges-pp-de-curitiba-vincula-hip-hop-a-criminalidade/> Acesso em: 12 Ago de 2023.

⁵⁰ Disponível em:

<https://portalrapmais.com/vereador-eder-borges-pp-de-curitiba-vincula-hip-hop-a-criminalidade/> Acesso em: 12 Ago de 2023.

⁵¹ Disponível em:

<https://portalrapmais.com/vereador-eder-borges-pp-de-curitiba-vincula-hip-hop-a-criminalidade/> Acesso em: 12 Ago de 2023.

⁵² Disponível em:

<https://portalrapmais.com/vereador-eder-borges-pp-de-curitiba-vincula-hip-hop-a-criminalidade/> Acesso em: 12 Ago de 2023.

A música como um todo serve de desabafo, trazendo consigo, versos que normalmente não se diria a alguém, ou alguma forma de declaração e vivências. O hip hop trouxe ao rap um simbolismo de empoderamento, de inclusão, e o mais importante, a autoestima. Anos atrás, (justamente na época do início do ra, em 1960) nós, pretos, não tínhamos voz (pessoas com baixa renda e sem visibilidade não eram a prioridade do sistema e da sociedade, quando as restrições eram maiores em comparação com os dias atuais). Não havia uma forma de resistência tão organizada quanto hoje e muito menos apoio do poder governamental. E a música é uma importante forma de manifestação.

A pobreza é o principal conteúdo nas rimas dos rappers, e com isso, desenvolve-se uma série de questões relevantes dessa realidade. A população das grandes cidades se divide entre um “centro” e uma “periferia”. O termo periferia sendo usado não apenas no sentido espacial-geográfico, mas social, designando bairros afastados nos quais estão ausentes todos os serviços básicos (luz, água, esgoto, calçamento, transporte, escola, posto de atendimento médico), situação, aliás, encontrada no “centro”, isto é, nos bolsões de pobreza, as favelas (Chauí, 2000, p. 58).⁵³

Na música do Apocalipse 16 - (MUITA TRETA) dos anos 2000, ressalta-se a violência nas áreas segregadas, como a falta de infraestrutura e segurança:

Apocalipse 16 - (MUITA TRETA)

[...] é muita treta viver num lugar onde ninguém te respeita,
 onde a polícia rola e deita em cima dos humildes,
 ela espanca uma pá de cidadãos do bem,
 ela pega o menor e joga ele na Febem...
 é muita treta ver a paz cada vez mais distantes,
 ouvir tiros e saber que são meus manos se afogando no próprio sangue [...].

O real sentido das letras é o de expressar e mostrar as questões sociais e cotidianas, sempre visando construir um mundo de igualdade, respeito e liberdade para todos. Por isso, “[...]os rappers vão denunciar: o descaso dos políticos, que estavam e ainda estão nas ‘casas

⁵³ Disponível em:

<https://www.rapnacional.com.br/a-filosofia-da-periferia-o-rap-e-a-sua-influencia-nas-comunidades-marginalizadas/> Acesso em: 12 Ago de 2023.

grandes', os problemas com habitação, educação, saúde, desemprego; em resumo, a discriminação da parte da população que veio das senzalas. (Souza, 1998, p.63).

Portanto, o que se ouve, o que se fala, o que se vive, é noticiado através da arte, das danças, das poesias e rimas, tal fato que, “muito além de uma expressão artística, esse gênero musical também é carregado de política e cultura. Nesse sentido, as letras têm uma forte pegada de crítica social, incluindo temas como racismo e violência.”⁵⁴

4.1 O RAP NA GRANDE FLORIANÓPOLIS, COMO RESISTÊNCIA DA POPULAÇÃO PRETA.

Durante toda a trajetória da pesquisa, tive a oportunidade de entrevistar um dos precursores do rap em Santa Catarina, que terá nome fictício (Brown) para não ser identificado. A primeira pergunta foi quais os motivos que te levaram ao rap? Ao que ele responde o seguinte:

Bom, a relação ou o motivo no meu caso é complicado né, pois fui o pioneiro, fui descobrir o rap quase que sozinho, e quando fiz aquilo em SC, eu não conheci ninguém que estava fazendo, aí anos depois, descobri que alguém do mesmo período fez também, e em um certo dia eu estava pesquisando e vi que estava rolando isso em São Paulo, e me chamou a atenção a dinâmica e me identifiquei legal, sabe? Lá em 1988, no começo do rap no Brasil mesmo⁵⁵.

Ao ser perguntado sobre os motivos que o levaram ao rap, ele responde algo que reafirma o que venho construindo neste tcc: o racismo é um fator fundamental para quem se expressa por meio do rap:

Cara, eu acho que o motivo mesmo, é ta dentro do movimento, com a questão cultural e de expressão, pois eu podia me expressar na escrita, eu podia me identificar, essa foi a questão inicial, mas se for uma pergunta mais ampla diria que, estar por dentro do rap vai criando umas evoluções muito loucas, eu vou mergulhando muito mais, nos conteúdos, e entrando dentro do movimento quero ta mais por dentro ainda, até porque a expressão e de como tu conseguir passar pro papel é muito interessante, e passando pro papel tu consegue enxergar uma outra dimensão, e com isso comecei a ler, a escrever e me motivou bastante, inclusive sobre questões negras e de racismo. Portanto, sempre quis saber mais, sobre as origens negras, e não parei mais, mas

⁵⁴ Disponível em: <https://artcetera.art/musica/historia-do-rap/> Acesso em: 12 Ago de 2023.

⁵⁵ Em entrevista concedida ao autor, no dia 04/09/2023. O entrevistado autorizou o uso de suas falas neste TCC, como consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por ele e por mim.

na época era difícil ter acesso, mas fui atrás de pesquisadores negros e consegui ler muito sobre. Na época nos alinhamos ao Núcleo de Estudos Negros, eles faziam pesquisas e trocavam com eles sobre os estudos, eles tinham patrocínios do exterior também, era bem organizado, e aí foi evoluindo, a gente ia aprendendo e levando para a periferia e isso ia ampliando minhas redes também né, e nisso eu tava criando um movimento, a gente fez na época discutindo leis para incluir a pauta negra nos estudos né e a gente participou de um evento da prefeitura, eu e o meu grupo fazia a introdução do que era zumbie dos palmares nas escolas. E aí discutimos sobre tudo, nas comunidades.

De acordo com Brown, os estudos negros sempre foram uma prioridade, transmitindo o seu conhecimento em outras áreas, como em escolas, nas músicas, e no seu cotidiano, fazendo com que mais pessoas se conectem. No momento da entrevista, fiz diversas perguntas para entender sua perspectiva sobre a sociedade e o racismo, e pude compreender o que durante toda sua trajetória no rap, Brown fez conexões com outros artistas locais e de outros estados, mantendo assim contato sobre os movimentos na comunidades e sobre o rap, em uma época em que tudo não era muito acessível, principalmente para negros e de áreas periféricas. O estudo sempre veio com o intuito de absorver mais sobre os temas abordados e, assim, ajudar outras pessoas através da sua arte e de seu movimento.

Após um longo bate papo, percebi que ali, a união fazia a força, e, de pouco a pouco, informações chegavam nas comunidades pelo seu desempenho, porém na época, as barreiras eram mais fortes e superar isso e transmitir informação era extremamente difícil. Após eu dizer essas palavras o entrevistado responde:

Mas sabe o que é, Peterson? É a relação da unidade que hoje se perdeu já, por quê? Discutiam muito sobre as posses, o que era? Era a galera do rap que se juntava para poder discutir temáticas do cotidiano, então era uma galera de jovens que se reuniam e debateram nesses espaços, sobre violência policial, preconceitos, racismo, dessa forma, de posse. E era interessante né cara, a gente aprendia muito e tava vindo um movimento muito legal na época. A gente sempre visava o conhecimento, entende? Discutimos muito sobre o rap, de como surgiu e falávamos muito do Afrika Bambaataa. Nossa! Era muito material. Então toda construção do rap veio de uma forma muito organizada socialmente, integrada a muitos dos bairros e aí nós tiramos outras percepções disso tudo, e olha isso, era tudo por cartas. Tivemos contatos com pessoal precusores do rap no Rio de Janeiro, então o pessoal da cena na época nos comunicava-mos por cartas.

Perguntei se ainda mantinha contato com os pessoal da sua época que criaram o rap junto a ele, e disse:

Sou amigo deles ainda, mas tem um falecido e sou amigo deles, eles vem aqui e tínhamos uma relação de amigos mesmo, sabe? Os cara eram muito pensantes cara, os cara mais inteligente do rap, então cada um seguiu seu caminho, os cara são muito inteligentes, surreal. A união era muito interessante, sempre ficávamos muito ligados do que ocorria, estou contente por isso.

Durante todas as perguntas, foquei no que mais interessava para a pesquisa, que seria a educação, o rap, e as comunidades. As respostas foram claras, a cultura age de forma que todos possam entender e sentir, abordando questões sociais e econômicas, com isso, fui fazendo perguntas mais provocativas, a exemplo de: Como seria o rap na sua visão, sem preconceito existente?

É, primeiramente, eu sempre tratei como uma forma muito forte, a expressão cultural, entendeu? Em diferentes lugares do mundo, ela tá sempre muito forte, então cabe muito de como é em cada lugar, então vamos discutir essa utopia “se não tiver preconceito”, num mundo colorido né? Então a gente, olhando dessa forma, seria mais pela expressão, né? Então o rap é fundamental para dar voz, ele sempre busca uma temática para discutir. Entendi sua pergunta perfeitamente como uma provocação (risos), então, é que o preconceito é o agente motivador, porque é algo que vai dar uma resposta imediata a uma dor que estou sentindo, então vou gastar toda minha voz naquilo, entendeu? Como uma arma mesmo, a expressão. Se não fosse pelo rap eu teria uma visão totalmente diferente, sabe?

Durante toda a entrevista, fui conhecendo mais o entrevistado e seu domínio sobre os assuntos. A entrevista durou mais de uma hora e foi muito proveitosa para minha própria formação como músico e geógrafo, pois tudo o que ele trouxe, veio ao encontro do que eu vinha compreendendo como importante dessa expressão musical. As grandes questões, que são os principais temas dos rap, foram discutidas diversas vezes, falando das favelas e da discriminação racial. Na conversa, pude refletir de diversas formas sobre os assuntos abordados. Sendo o principal as questões raciais e seus movimentos antirracistas. Os movimentos nos anos 90 de acordo com o entrevistado não eram nada fáceis, visto que hoje temos o preconceito forte, porém nada comparado aos anos 90, onde a polícia atacava os movimentos e principalmente a cultura do rap, que ainda estava no começo no Brasil.

O rap trouxe, e ainda trás, grandes conceitos e vivências de pessoas que se dispõem a dizer mais o que se ocorre em determinado lugar. As batalhas chegaram com o intuito de MCs

atacarem uns aos outros com palavras fortes, no modo freestyle, quando não há uma letra pronta, mas sim de improviso, no entanto, houve uma mudança e, atualmente, as batalhas não são somente para MCs se atacarem, mas sim para atacar o racismo e as desigualdades sociais.⁵⁶

Nos dias atuais, com a facilidade das redes sociais, as batalhas não param de crescer diante de cliques que chocam quem assiste, assim sendo as rodas de freestyles estão mais fortes do que nunca, como resultado atingindo milhões de espectadores em apenas uma edição. Com a popularização da cultura, transmissões e patrocínios estão cada vez mais comuns, onde os MCs ganham premiações em roupas, dinheiro, e reconhecimento nacional, algo que não se via numa realidade distante.

Por exemplo, a Batalha da Aldeia que é a maior representante de batalhas do país, que conseqüentemente após anos de muito esforço entre os colaboradores, está alcançando o seu ápice em meio a cultura. Falando com uma visão geral, as batalhas em si, têm crescido de forma estrondosa em todos seus projetos, assim, certamente revelando grandes nomes para o nosso cenário.

Figura 12: A importância da batalha de rima no cenário brasileiro.

A importância da Batalha de Rima no cenário brasileiro

As rodas de Batalha de Rima que surgiram nos anos 2000, estão mais populares do que nunca. Revelando de fato dezenas de novos artistas todos os meses.

Fonte: RAPdab.

Com o passar dos anos, diversas batalhas em todos os estados brasileiros começaram a deixar suas marcas registradas e em Florianópolis não é diferente, pois a cena do rap consiste em diversas batalhas em toda a ilha. Podemos identificar várias origens que são conseqüências da popularização das rimas, que se resume em vivências nas favelas, racismo, violência policial e etc. Há diversas modalidades, porém duas se destacam, sendo batalha de

⁵⁶ “No Brasil, não foi diferente: com a popularização do gênero no país lá nos anos 90, vieram também as batalhas. No entanto, elas só começaram a se tornar mais organizadas e passaram para o status de eventos com um certo modus operandi e regularidade em 2003, com o surgimento da pioneira Batalha do Real, no Rio de Janeiro.”

sangue e batalha de conhecimento⁵⁷. Sob muito preconceito e repressão, a Batalha da Alfândega (que se encontrava no antigo terminal do centro de Florianópolis) passou por diversas fases durante os anos, principalmente pelo lugar. A batalha já sofreu inúmeras vezes por despejo pelo onde está inserida. No entanto, em 2024, a batalha voltou para a Alfândega, no centro de Florianópolis, de forma legalizada e com alvará.

Diversos relatos e vivências mostraram que a luta pela visibilidade é difícil e que, na maioria das vezes, os participantes da batalha são duramente reprimidos, com pouca valorização. Assim, para Sousa,

Além desse compromisso em relatar a realidade, possuem alvos bem claros no direcionamento desse discurso: um dos principais é o povo preto, tendo-se em vista que uma parcela razoável dos rappers é negra. Em suas letras falam sobre uma história que não é aprendida nos bancos escolares e que muito pouco se encontra nos livros. É um discurso politizado e que tem um compromisso com o povo preto, no sentido de falar e dar voz a uma situação vivenciada por eles. (Sousa, 2000, p. 66).

A Batalha da Alfândega já soma um público elevado, todas as quintas - feiras no Largo da Alfândega, reunindo desde crianças a adultos com o mesmo intuito, assistir a forma de manifestação presente na batalha. Há discotecagem com os DJs antes de começarem as rimas, tendo diversas modalidades entre as edições, como batalha de conhecimento, de sangue, declamação de poesia, roda de conversa, pocket shows etc. Apesar de todos os acontecimentos, a organização sempre batalhou para esse movimento acontecer, com isso, durante as edições, a Batalha foi ganhando mais público, fazendo com que MCs e artistas de outros estados se apresentem lá.

⁵⁷ “A batalha do conhecimento tem como principal objetivo desenvolver rimas sobre temas pré-estabelecidos pela organização ou pela plateia. Já na batalha de sangue não existe tema, o conteúdo é livre e tem como foco atacar (verbalmente) e responder ao ataque do adversário através do *freestyle*.”

Figura 13- Batalha da alfândega.



Fonte: Instagram.

Em Florianópolis, historicamente, busca-se expulsar a população preta e pobre do espaço urbano. Uma das estratégias é por meio do apagamento das heranças espaciais dessa população. Por esse motivo, o local de estudo se qualifica em Florianópolis, além de ser o local onde resido, fazendo então que a pesquisa seja mais voltada para esta cidade. Como expõe Azânia Nogueira (2020, p. 159):

O racismo é [...] uma forma de exercício de poder de um grupo sobre outro. Nesse sentido, ao apresentar os processos de construção e apagamento de territórios negros a partir das disputas existentes no Centro de Florianópolis, capital de Santa Catarina, denuncio o racismo existente no constante esforço de branqueamento da cidade a partir de seu ordenamento espacial e controle dos corpos-territórios negros.

Toda a construção do Centro de Florianópolis fez com que os moradores locais fossem expulsos para que assim fosse possível realizar as obras, fazendo com que os moradores locais fossem para outros lugares, como exemplifica Nogueira (2020, p. 164):

No século XX, o movimento sanitarista de Florianópolis passa a atuar em diferentes frentes para a validação de suas práticas higienistas. A produção de conhecimento em periódicos endossava as políticas públicas postas em prática, como inspeções sanitárias domiciliares e reformas urbanas. O ponto culminante deste movimento se dá

com o início da construção da avenida Hercílio Luz, a primeira da cidade (AREND, 2005). Para a construção da avenida, foram extintos os bairros da Toca e da Tronqueira, território das populações pobres e negras e o rio da Bulha fora canalizado. A canalização do rio bem como a associação da atividade das lavadeiras a algo insalubre para a população fez com que as lavadeiras, muitas delas trabalhadoras negras, deixassem de ser figuras onipresentes da cidade para subirem as encostas do Morro do Antão, hoje conhecido como Morro da Cruz.

É nítida a questão da segregação presente no Centro de Florianópolis, um ambiente por onde passam diversas pessoas, mas sempre afastando justamente a cultura e pessoas de baixa classe. No centro, as classes de maior padrão e a polícia não hesitam em “expulsar” ou agir de forma “diferente” dos demais.

Como exemplifica Fernando Augusto (2019, p. 32),

Com o marketing urbano voltado para as classes mais abastadas, juntamente com a naturalização das desigualdades, as estratégias de segregação raciais são bem-vindas para afastar o mal-estar dessas classes. Ou seja, em nome da segurança estabelecem condutas preventivas que transmitem estigmas, preconceitos, estereótipos racistas e classistas.

Há de se falar que os bairros próximos e que são periféricos são escondidos de alguma forma, a exemplo dos morros. Como sendo uma cidade turística, a “ilha da magia” nada mais é do que explorar o turismo e lucrar com isso, já que quem mora aqui em áreas segregadas tem que lutar por direitos básicos. Não só isso, mas buscam: “‘higienizar’ a paisagem e o espaço público de grupos considerados indesejáveis, tendo praticamente todo mobiliário urbano como forma de segregar e excluir essas pessoas” (Augusto, 2019, p. 33).

Assentos são retirados das ruas e dos pontos de ônibus para não serem abrigo de pessoas em situação de rua; são criadas cancelas fechando ruas, às vezes bairros; as praças, as casas e os prédios são gradeados e vigiados; e objetos cortantes e/ou pedregosos são colocados em locais que podem virar abrigo para pessoas em situação de rua (Oliveira, 2014, p.89).

O mercado público, onde diversas pessoas se encontram, já fez história onde eventos da comunidade aconteciam como uma forma de inclusão, sendo roda de samba, capoeira e pagode. Mas isso deixou de acontecer após o incêndio em 2005, quando tudo mudou,

deixando o centro com estabelecimentos de maior padrão, fazendo com que as manifestações culturais fossem extintas acontecendo a gentrificação:

[...] tem como ideia de valorização a requalificação de espaços públicos populares a partir da lógica consumista, a partir da eugeniação de ambientes como o Mercado Público, onde, por exemplo, botecos são substituídos por estabelecimentos para pessoas com maior poder aquisitivo, removendo os aspectos culturais e simbólicos desses espaços para a obtenção de ganho monetário. A postura eugenista vista aqui associa “desenvolvimento” a embranquecimento que, quando não pode ser biológico, deve ser cultural (Nogueira, 2018, p. 62).

De acordo com Oliveira (2014, p. 86), a administração pública está sujeita às exigências e regras parecidas às das empresas privadas, “este fato impõe usos seletivos dos espaços e políticas perversas que definem pessoas de mais e de menor valor”. Há uma disputa de território no centro da cidade, há projetos de grande conduta que tentam aproximar a cidade e as pessoas como o grafite, em todo o centro há murais e representações de artistas, pessoas que marcaram épocas e que simbolizam a união das pessoas.

No entanto, há resistências da população preta no centro de Florianópolis. Os grafites, como parte da expressão da cultura do hip hop, também poderiam ser entendidos como marcas de territórios negros, na perspectiva de Nogueira (2020), pois são formas de manifestar arte e política, visibilizando figuras importantes para a população preta da cidade.

As figuras 21, 22 e 23 mostram as artes em grafite da artista Gugie Cavalcanti, no centro de Florianópolis e no campus da UFSC.

Figura 14: Arte localizada na rua Anita Garibaldi, 136. Centro - Florianópolis/ SC.



Foto: Instagram

Figura 15: Arte localizada na rua José Jaques, 163. Centro - Florianópolis/ SC.

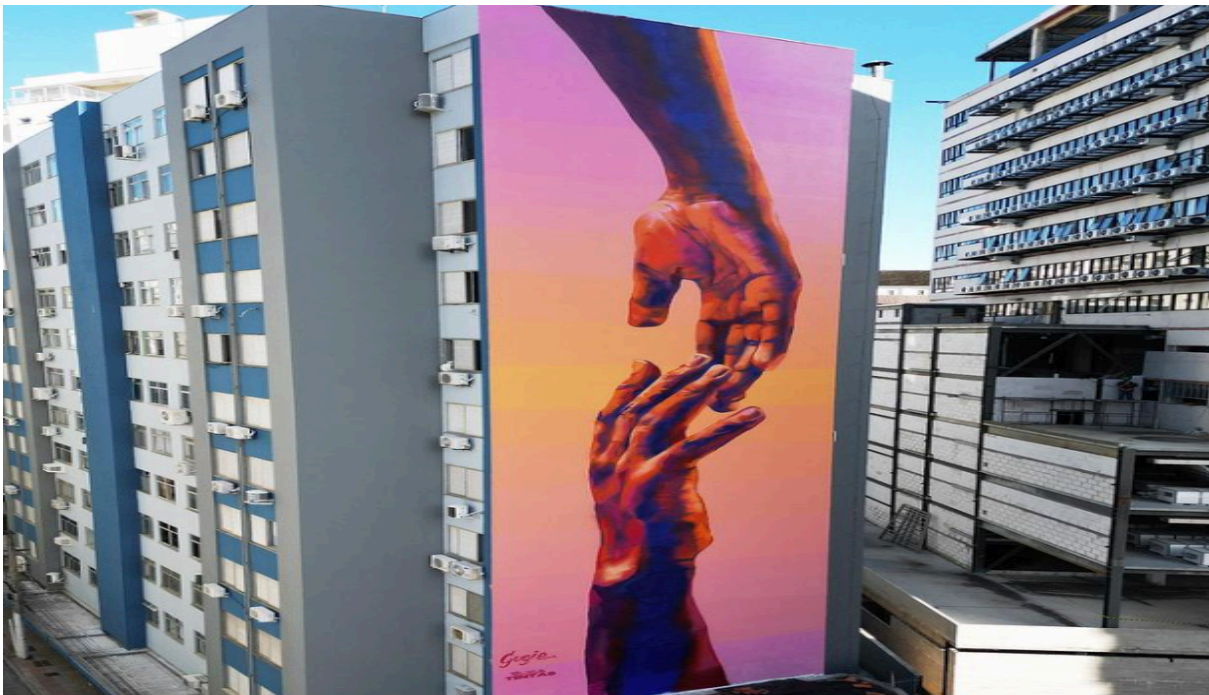


Foto: Instagram.

Figura 16: Localizada no campus da UFSC. Trindade - Florianópolis/ SC.



Foto: Mariana Caldas/Divulgação/ND.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CULTURA VIVE, A ARTE VIVE, AS PESSOAS PRETAS VIVEM

Está nítida a presença da desigualdade social e racial na sociedade contemporânea. A forma como somos enxergados, muitas vezes, é discriminatória, sem humanidade ou respeito. Infelizmente, muitos sofrem calados, sem ter uma forma de denunciar, pois, a justiça ainda se vê fraca para deter esses pensamentos racistas. Se até mesmo ocorre preconceito por parte das autoridades, onde vamos buscar ajuda?

A busca da igualdade nunca será deixada para trás, nosso cabelo, nossa pele, é quem somos, não podemos baixar a cabeça para tais atos. Somos quem somos, não há vergonha em ser preto, em ter cabelo crespo, pele escura. Isso é natural e não precisamos mudar isso para nos inserir nos padrões da sociedade. Na música do artista Aka Rasta “Cabelo Crespo” de 2019, ele destaca no que ele se sente representado, como sua cor e principalmente os dreads que usava na época, exaltando a sua personalidade e a sua cultura, com referências sobre a história e suas vivências:

Aka Rasta - (CABELO CRESPO)

Eles me reconhecem lá de longe porque

veem os dreads loiro

Sabem que é inconfundível

E no meu cabelo tem muita história personalidade, e atitude é incrível

(é incrível)

Que roupa tô usando não importa porque meu cabelo sempre me bota acima do Nível

Por onde eu passo deixo a minha marca como uma cicatriz eu ando inesquecível

O meu penteado vai além de aparência,

Representa minha cultura resistência

(Resistência)

Haile Selassie me fez sentir orgulho de quem sou

Eu não vou me diminuir

Com certeza

(Não)

...

Na música apresentada, observamos a sua “marca” quando diz, “o meu penteado vai além da aparência, representa minha cultura resistência”, o cabelo não é apenas estético mas sim baseado em acontecimentos que ocorreram e que carregam uma história e simbologia pela luta da resistência. Durante toda a composição é exaltada a forma como ele se mostra pro mundo, carregando consigo conceitos que representam sua vida, além das roupas e da personalidade.

Ainda há muita resistência sobre os assuntos abordados nas letras de rap, pois não são muito “relevantes” ao poder público e à sociedade, que trata o assunto sem a prioridade devida. Mostrar a realidade de diversas pessoas nos traz a importância e urgência de serem estudados e aprimorados os assuntos apresentados, para que, assim, a mesma história de violência e racismo não se perpetue durante os anos.

Todas as palavras e estudos que mostrei neste TCC que, como dito na introdução é um misto de trabalho acadêmico e rap, nos remete à reflexão de como o mundo pode ser diferente de uma pessoa para a outra, a depender da cor da pele. Há uma disputa de poder em que umas tentam ser maiores que outras, seja em dinheiro, emprego, cor e etc, sendo uma realidade que um dia isso possa se reverter, com combates antirracista e de igualdade. Espero que todo argumento apresentado possa seguir um caminho de encontro de paz para os povos.

Questões de racismo e de exclusão da população preta são recorrentes, acarretando diversos problemas que podemos observar na sociedade, como assassinatos, homicídios, xenofobia e por aí vai... Estereótipos não definem o caráter, personalidade e questões sociais das pessoas. Saber respeitar as culturas e a diversidade é primordial, e esse foi um dos intuitos deste TCC.

Pet - (Espelho)

Me olho no espelho (espelho)
 pergunto se tudo o que vivo é verdadeiro
 ou se tudo que tenho é realmente o que almejo
 querem falar do meu jeito
 eu sou preto, vim do gueto e os dreads tão perfeito
 paro e penso, nos momentos de infância
 queria muita coisa e só ficava na esperança
 de uns dias pra cá, vou mudar, não posso falhar
 mas nas horas difíceis eu lembro de quem tava lá
 (de quem tava lá)

...

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silva. **Racismo estrutural**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALBUQUERQUE, Igor. **Pixação em São Paulo: Território e relações de poder na metrópole**. Ponta Grossa, PR: Monstros dos mares, 2022.

ANDRADE, Elaine. **História, resumo das características e estilo, Hip-Hop. Rap e educação**. Editora Selo Negro, 1999.

BOLSANELLO, Maria. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira**. Curitiba, (PR): Editora da UFPR, Educar. 1996.

CAZÉ, Clotildes. OLIVEIRA, Adriana. IV ENECULT - **Hip hop: cultura, arte e movimento no espaço da sociedade contemporânea**. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Maio de 2018.

ESPÍNDOLA, Yara Tatiane. **Ritmo, poesia e resistência: as batalhas de rap em Florianópolis**. Roteiro: Rafael Thomé. Florianópolis: Diário Catarinense, 2017. Entrevista concedida a Rafael Thomé.

FERNANDES, Augusto. "Nascido numa ilha em que sou realidade". **Racismo e resistência no uso do espaço público em Florianópolis: o caso da Batalha da Alfândega**. Florianópolis SC, ufsc 2019.

FERNANDES, Camilla. **Você sabe o que foi a teoria do embranquecimento no Brasil?**. Politize. 2022.

FOCHI, Marcos. **Hip Hop brasileiro Tribo urbana ou movimento social?** 1º semestre de 2007.

FRANÇA, Maria. SILVIA, Luciana. **A INFLUÊNCIA DAS TEORIAS DO DARWINISMO SOCIAL E DO CRIMINOSO NATO NO CRIME DE RACISMO PRATICADO CONTRA OS AFRODESCENDENTES**. 2018.

LOUREIRO, Bráulio. **Arte, cultura e política na história do rap nacional**. N, 63. abril. 2016 (p. 235-241).

MUNANGA, Kabengele. **ORIGENS AFRICANAS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO**. Global editora, São Paulo, 2009.

NOGUEIRA, Azânia. **Territórios negros em Florianópolis**. Florianópolis, SC. Ufsc 2018.

PANTA, Mariana. **População negra e o direito à cidade Interfaces entre raça e espaço urbano no Brasil**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 79-100, jan./abr. 2020.

REDAÇÃO. **Significado de Hip Hop, o que é Hip Hop**. Março de 2016.

ROSE, Tricia. **Um estilo que ninguém segura; Política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop**". In: HERSCHMANN, M. (org.). **Abalando os Anos 90 - Funk e Hip-Hop - Globalização, Violência e Estilo Cultural**. Rio de Janeiro; Rocco, 1997.

SOUZA, L, Marcelo. **Por uma geografia libertária**. - 1. Ed - Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017. 504p.

FONTES

Agência IBGE notícias. **Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda.** Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Em%202022%2C%20cerca%20de%2092,0%2C4%25\)%2C%20amarelas.](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Em%202022%2C%20cerca%20de%2092,0%2C4%25)%2C%20amarelas.) Acesso em: 21 de Jun de 2023.

ARAUJO, Mateus. **A importância da Batalha de Rima no cenário brasileiro.** RapDab. 2020. Disponível em: [https://www.rapdab.com.br/2020/04/11/importancia-batalha-de-rima-rap-nacional/.](https://www.rapdab.com.br/2020/04/11/importancia-batalha-de-rima-rap-nacional/) Acesso em: 11 Out de 2023.

ARCOVERDE, Leo. **Taxa de homicídio de homens negros no Brasil é quase 4 vezes maior do que a de não negros, aponta estudo.** GloboNews. São Paulo. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/11/19/taxa-de-homicidio-de-homens-negros-no-brasil-e-quase-4-vezes-maior-do-que-a-de-nao-negros-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 11 de Out de 2023.

ARTCETERA. **Rhythm and Poetry: a história do Rap no Brasil e no mundo!.** 2021. Disponível em: [https://artcetera.art/musica/historia-do-rap/.](https://artcetera.art/musica/historia-do-rap/) Acesso em: 12 Ago de 2023.

AQUINO, Mariah. **Homem morre sufocado em “câmara de gás” dentro de carro da PRF.** Metrópolis. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/video-homem-morre-sufocado-em-camara-de-gas-dentro-de-carro-da-prf.> Acesso em: 09 Ago de 2023.

BARRETO, Leonardo. GONÇALVES, Joelma. **Caso Genivaldo: julgamento de policiais rodoviários federais ainda não tem data para acontecer.** G1 Notícias. Sergipe. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2023/05/25/caso-genivaldo-julgamento-de-policiais-rodoviarios-federais-ainda-nao-tem-data-para-acontecer.ghtml>. Acesso em: 09 Ago de 2023.

BAZI, Daniela. **EXTERMÍNIO EM MASSA NA SEGUNDA GUERRA: POR DENTRO DAS CÂMARAS DE GÁS DE AUSCHWITZ**. Aventuras na história. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-o-horror-das-camaras-de-gas-da-segunda-guerra-mundial.phtml>. Acesso em: 09 Ago de 2023.

BONIN, Julia. **6 organizações que lutam contra o racismo no Brasil**. Observatório do Terceiro Poder. 2022. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/6-organizacoes-que-lutam-contra-o-racismo-no-brasil/>. Acesso em: 21 de Jun de 2023.

Câmara dos Deputados. **Racismo no dia a dia. 2017**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/528246-racismo-no-dia-a-dia/>. Acesso em: 21 de Jun de 2023.

SILVA, Gustavo. **Estudo revela que pessoas negras são o principal alvo da polícia**. Veja Abril. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/estudo-revela-que-pessoas-negras-sao-principal-alvo-da-policia/>. Acesso em: 21 de Jun de 2023.

CABRAL, Danilo. **Como funcionavam as câmaras de gás na 2ª Guerra Mundial?** Superinteressante. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-funcionavam-as-camaras-de-gas-na-2a-guerra-mundial>. Acesso em: 09 Ago de 2023.

CAMPOS, Cristina. **Negro tem 2,6 vezes mais chances de ser assassinado no Brasil**. Agência Brasil. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-08/risco-de-negro-ser-assassinado-e-26-vezes-superior>. Acesso em: 7 de Jun de 2023.

ESPÍNDOLA, Yara Tatiane. **Ritmo, poesia e resistência: as batalhas de rap em Florianópolis**. Roteiro: Rafael Thomé. Florianópolis: Diário Catarinense, 2017. Entrevista concedida a Rafael Thomé. Disponível em: https://www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc_nos_97_rapfloripa/index.html. Acesso em: 7 de Jun de 2023.

FONSECA, Óscar. GORTÁZA, Naiara. **A cocaína que viajava no avião da comitiva de Bolsonaro.** El País. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/02/politica/1562091519_351309.html. Acesso em: 04 de Ago de 2023.

G1. **Investigação aponta possíveis cúmplices de militar que transportava cocaína na comitiva de Bolsonaro.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/02/07/investigacao-aponta-possiveis-cumplices-de-militar-que-transportava-cocaina-na-comitiva-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 09 Ago de 2023.

GUIMARÃES, Pedro. **Ao menos cinco pessoas negras foram mortas pela polícia por dia em 2021, aponta pesquisa.** CNN Brasil. Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/ao-menos-cinco-pessoas-negras-foram-mortas-pela-policia-por-dia-em-2021-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 21 de Jun de 2023.

IBGE. **Território brasileiro e povoamento.** Brasil 500 anos. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/o-trabalho-dos-negros-africanos.html>. Acesso em: 30 Jul. 2023.

Jornal Suburbano. **Cada vez mais frequentes na cidade, batalhas de MC 's fortalecem expressão cultural.** 2019. Disponível em: <https://medium.com/jornalsubverbo/cada-vez-mais-frequentes-na-cidade-batalhas-de-mcs-fortalecem-express%C3%A3o-cultural-d08b5aff9e00>. Acesso em: 11 de Out de 2023.

JOZINO, Josmar. DACAU, José. COSTA, Flávio. **Sargento traficou cocaína sete vezes em aviões da FAB antes de ser preso.** Notícias UOL. São Paulo. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/31/sargento-cocaina-fab.htm#:~:text=O%20sargento%20da%20FAB%20>. Acesso em: 06 Ago de 2023.

MARTINS, Isadora. OLIVEIRA, Luis. **Negros ocupam cargos com menor remuneração no mercado de trabalho.** Correio Braziliense. 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2019/1>

[1/17/interna-trabalhoeformacao-2019_807077/negros-ocupam-cargos-com-menor-remuneracao-no-mercado-de-trabalho.shtml](https://www.globo.com/brasil/noticia/2019/07/17/interna-trabalhoeformacao-2019_807077/negros-ocupam-cargos-com-menor-remuneracao-no-mercado-de-trabalho.shtml)). Acesso em: 17 de Jun de 2023.

MARASCIULO, Marília. **Entenda por que a maconha foi proibida ao redor do mundo.** Revista Galileu. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/07/entenda-por-que-maconha-foi-proibida-ao-redor-do-mundo.html>. Acesso em: 04 de Ago de 2023.

MENDES, Lucas. **Moraes vota para descriminalizar porte de maconha para uso pessoal; STF encerra sessão sem data para retomada.** CNN Brasil. Brasília. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/moraes-vota-para-descriminalizar-porte-de-maconha-para-uso-pessoal-stf-encerra-sessao-sem-data-para-retomada/>. Acesso em: 02 de Ago de 2023.

MILAZZO, Daniel. **Policial que confundiu furadeira e matou morador responderá pelo crime em liberdade.** Notícias UOL. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/05/20/policial-que-confundiu-furadeira-e-matou-morador-respondera-pelo-crime-em-liberdade.htm>: Acesso em: 19 de Jun de 2023.

MOURA, Beatriz. **Por que as batalhas de rimas estão mais populares do que nunca.** Vice. 2017, Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/ypk3w7/batalhas-de-rima-nike-perfis>. Acesso em: 11 Out de 2023.

MOURA, Caroline. **PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio.** El Pais. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html. Acesso em: 17 de Jun de 2023.

MULTIRIO. **O tráfico negreiro.** Ocupação Litorânea. Disponível em: https://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/traf_negreiro.html#:~:text=Os%20negros%20trazidos%20para%20o,e%20no%20Rio%20de%20Janeiro. Acesso em: 30 Jul. 2023.

NOGUEIRA, Caroline. **Violência policial no Brasil: uma pessoa negra é morta a cada quatro horas,** 2021. Podcast CNN Brasil. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/violencia-policial-no-brasil-uma-pessoa-negra-e-morta-a-cada-quatro-horas/>. Acesso em: 7 de Jun de 2023.

PASSARELLI, Vinicius. **Justiça contribui para violência policial contra negros, aponta estudo.** Metrópolis. São Paulo. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/policia-sp/sistema-judicial-contribui-com-violencia-policial-contra-negros-diz-estudo>. Acesso em: 7 de Jun de 2023.

PIMENTEL, Thais. **Homem preso em MG com 10g de maconha e que morreu com suspeita de Covid teria chance de sair da cadeia neste mês.** G1 Minas. Belo Horizonte. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/07/10/homem-presos-em-mg-com-10g-de-maconha-e-que-morreu-com-suspeita-de-covid-teria-chance-de-sair-da-cadeia-neste-mes.ghtml>. Acesso em: 02 Ago de 2023.

PODER 360. **Militar traficou cocaína em avião da FAB ao menos 7 vezes, diz PF.** 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/militar-trafficou-cocaina-em-aviao-da-fab-ao-menos-7-vezes-diz-pf/>. Acesso em: 09 Ago de 2023.

Portal Rapmais. **Vereador Eder Borges (PP) de Curitiba vincula hip-hop à criminalidade.** 2023. Disponível em: <https://portalrapmais.com/vereador-eder-borges-pp-de-curitiba-vincula-hip-hop-a-criminalidade/>. Acesso em: 12 Ago de 2023.

QUARESMA, Marina. **A filosofia da periferia: o rap e a sua influência nas comunidades marginalizadas.** Rap Nacional. 2017. Disponível em: <https://www.rapnacional.com.br/a-filosofia-da-periferia-o-rap-e-a-sua-influencia-nas-comunidades-marginalizadas/>. Acesso em: 12 Ago de 2023.

Redação RBA. **Economista apresenta números que confirmam o racismo estrutural no Brasil.** Rede Brasil Atual. 2023. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/economia/economista-apresenta-numeros-que-confirmam-o-racismo-estrutural-no-brasil/#:~:text=Publicado%2011%2F11%2F2023%20%2D%2012h3>

5&text=%E2%80%9CA%20maioria%20do%20pa%C3%ADs%20%C3%A9,1%25%20de%20negros%20e%20negras.

REDAÇÃO ND. **Galeria de fotos: Saiba onde encontrar grafites incríveis em Florianópolis.** ND Mais. Florianópolis. 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/galeria-de-fotos-saiba-onde-encontrar-grafites-incriveis-em-florianopolis/>. Acesso em: 11 de Out de 2023.

RODRIGUES, Mateus. **STF parou julgamento a um voto de descriminalizar porte de maconha, mas já tem maioria para distinguir usuário e traficante.** G1 Notícias. Brasília. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/25/stf-parou-julgamento-a-um-voto-de-descriminalizar-porte-de-maconha-mas-ja-tem-maioria-para-distinguir-usuario-e-trafficante-entenda.html>. Acesso em: Acesso em: 04 de Ago de 2023.

Secretaria da Educação. **Break.** Paraná. 2011. Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=139>. Acesso em: 11 Out de 2023.

Sindicato dos Metalúrgicos. **Desigualdade entre brancos e negros é realidade cruel no Brasil.** São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.sindmetalsjc.org.br/noticias/n/5288/desigualdade-entre-brancos-e-negros-e-realidade-cruel-no-brasil>. Acesso em: 30 Jul. 2023.

Tribunal Superior do Trabalho. **Justiça do trabalho.** Disponível em: <https://www.tst.jus.br/racismo>. Acesso em: Acesso em: 7 de Jun de 2023.

Toda Matéria. **Favelização no Brasil.** Sociologia. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/favelizacao-no-brasil/#:~:text=In%C3%ADcio%20da%20Faveliza%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil,aos%20morros%2C%20c%C3%B3rregos%2C%20etc>. Acesso em: Acesso em: 02 Set 2023.

VASCONCELOS, Caê. **Por que tantos negros são alvo de prisão injusta com base em reconhecimentos.** Ponte Jornalismo. 2020. Disponível em:

<https://ponte.org/por-que-tantos-negros-sao-alvo-de-prisao-injusta-com-base-em-reconhecimentos/>. Acesso em: 27 de Jun de 2023.

WESTIN, Ricardo. **Negro continuará sendo oprimido enquanto o Brasil não se assumir racista, dizem especialistas.** Agência Senado. 2020. Disponível em: **<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>**. Acesso em: 30 Jul. 2023.

MÚSICAS

Peterson. **(ATÉ QUANDO?)**. Florianópolis. 2022. Duração de 03:23 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ef9pTN1t9Sg>

Nego Max. **(Eu não sou racista)**. Rio de Janeiro. 2020. Duração de 04:16 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v2DCHWp2XyA>

Borges. **(Sodoma e Gomorra)**. Rio de Janeiro. Gravadora Mainstreet. 2021. Duração de 03:49 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MZ6kM3eVQB0>

Além da loucura. **(FAVELA VIVE 5)**. Rio de Janeiro. 2023. Duração de 08:56 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R_4Clufmtq8

Setor Proibido. **(Primavera Fascista 2)**. Espírito Santo. 2020. Duração de 11:11 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=foqoID8GXUU>

Guiu. **(Resiliência Preta)**. Rap Box. São Paulo. 2020. Duração de 02:07 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qsd-EqO2K0E>

Kyan. **(EU VIM DE LÁ)**. Rio de Janeiro. Gravadora Pineapple. 2021. Duração de 03:30 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kvIR8iQh47k>

Apocalipse 16 **(Muita Treta)**. São Paulo. Gravadora 7 Taças. 2010. Duração de 04:31 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FuSsi-LubGU>

Aka Rasta **(Cabelo Crespo)**. São Paulo. 2019. Duração de 03:13 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E7lvJGk1Yz4>

Peterson **(Espelho)**. Florianópolis. 2024. Duração de 02:25 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xulum0m4BGE>